



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Aline Saliha Alencar Oliveira

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO
DESENVOLVIDO NA ESCOLA BÁSICA 2º E 3º
CICLOS DR^a M^a ALICE GOUVEIA, JUNTO DA
TURMA DO 7º A NO ANO LETIVO 2018/2019**

**PROPOSTA DE ABORDAGEM METODOLÓGICA DA
DANÇA NO 2º CEB**

**Relatório de Estágio no âmbito do Mestrado em Ensino de Educação Física
nos Ensinos Básico e Secundário, orientado pelo Professor Doutor Miguel
Fachada, apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação
Física da Universidade de Coimbra.**

2019

Aline Saliha Alencar Oliveira

2017208609

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO
DESENVOLVIDO NA ESCOLA BÁSICA 2º E 3º
CICLOS DRª Mª ALICE GOUVEIA, JUNTO DA
TURMA DO 7º A NO ANO LETIVO 2018/2019**

**PROPOSTA DE ABORDAGEM METODOLÓGICA DA DANÇA
NO 2º CEB**

Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra com vista à obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

Orientador: Prof. Doutor Miguel Fachada

COIMBRA, 2019

Esta obra deve ser citada como: OLIVEIRA, A. (2019). *Relatório de Estágio Pedagógico desenvolvido na Escola Básica de 2º e 3º Ciclos Dr.ª Ma Alice Gouveia junto da Turma 7ºA no Ano Letivo 2018/2019*. Relatório de Estágio, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

COMPROMISSO DE ORIGINALIDADE

Aline Saliha Alencar Oliveira, aluna nº 2017208609 do MEEFEBS da FCDEF-UC, vem declarar por sua honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da sua autoria, não se inscrevendo, por isso, no disposto no artigo no 27-A, da secção V, do Regulamento Pedagógico da UC - Regulamento 321/2013, de 23 de agosto de 2013, alterado pelo Regulamento no 400/2019, de 6 de maio.

06 de setembro de 2019

Aline Oliveira

AGRADECIMENTOS

A caminhada é sempre mais leve e agradável quando temos pessoas queridas ao lado.

Aos meus pais, por serem a base do meu amor e me apoiarem em meus sonhos.

Ao meu orientador da faculdade, Professor Doutor Miguel Fachada, pelo acolhimento, pela paciência, disponibilidade e imensa contribuição em minha formação pessoal e acadêmica.

À minha orientadora da escola, Professora Lurdes Pereira, pelo acolhimento, pela paciência, disponibilidade e imensa contribuição em minha formação pessoal e acadêmica.

Aos meus colegas Rita, Gonçalo e João pela disponibilidade em ajudar e por tanto contribuírem em minha formação.

Às amigas Alice Cruz e Ana Margarida Costa pela paciência, apoio e contribuição fundamentais nesse processo.

Aos demais amigos, colegas e professores que me acompanharam e contribuíram nessa caminhada.

Aos alunos do 7º ano A pela convivência, desafios e tantos momentos lindos.

E, especialmente aos meus parceiros de vida, Rafael e Kael, pela paciência, amor incondicional e por me inspirarem a ser melhor a cada dia.

Meu muito obrigada de coração.

“Eu nunca poderia pensar em educação sem amor e é por isto que eu me considero um educador, acima de tudo, porque sinto amor...”

Paulo Freire

RESUMO

Este relatório apresenta a descrição e reflexão crítica acerca das atividades desenvolvidas durante o Estágio Pedagógico. O estágio corresponde à conclusão do Mestrado em Ensino de Educação Física e se caracteriza pela transferência dos conhecimentos adquiridos durante a formação para o contexto escolar. Este foi desenvolvido na Escola Básica 2º e 3º Ciclos Drª Maria Alice Gouveia, em Coimbra. As aulas foram ministradas para a turma do 7º ano A durante o ano letivo 2018/2019. O objetivo deste relatório é, além de apresentar as principais características do estágio, refletir criticamente sobre o trabalho realizado e aprofundar a compreensão do papel do professor de Educação Física na escola e sua atuação nas diferentes áreas de intervenção. É também apresentado o aprofundamento do tema problema, que traz uma Proposta de abordagem metodológica para a Dança no 2ºCEB. Sendo uma matéria nuclear nos Programas Nacionais de Educação Física, a Dança se mostra como um elemento essencial para o desenvolvimento integral dos alunos.

Palavras chave: Educação Física. Estágio Pedagógico. Dança. Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

This report presents the description and critical reflection about the activities developed during the Teacher Training. The Teacher Training corresponds to the end of the Master in Physical Education Teaching and is characterized by the transfer of the knowledge acquired during the formation context. This was developed in Escola Básica de 2º e 3º Ciclos Drª. Maria Alice Gouveia, in Coimbra. Classes were given to the 7th grade A class during the 2018/2019 school year. The purpose of this report is, in addition to presenting the main characteristics of the teacher training, to reflect critically on the work performed and to deepen the understanding of the role of the Physical Education teacher in the school and its performance in the different areas of intervention. It is also presented the deepening of the problem theme, which brings a Proposed Methodological Approach to Dance in the 2nd CEB. Being a core subject in the National Physical Education Programs, Dance is an essential element for the integral development of students.

Keywords: *Physical Education. Teacher Training. Dance. Teaching-learning Process.*

ÍNDICE

RESUMO	VIII
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA	2
1. Expectativas Iniciais	2
2. Projeto formativo	3
3. Elementos relativos às condições locais e da relação educativa	4
3.1 Caracterização da escola	4
3.2 Caracterização do grupo de Educação Física.....	4
3.3 Diagnóstico da turma	5
CAPÍTULO II – ANÁLISE REFLEXIVA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	6
1. Planejamento	6
1.1 Plano anual.....	7
1.2 Unidades Didáticas	10
1.3 Plano de Aula.....	11
2. Realização	13
2.1 Instrução.....	13
2.2 Gestão	14
2.3 Clima/Disciplina	16
2.4 Decisões de ajustamento	17
3. Avaliação	18
3.1 Avaliação Formativa Inicial.....	19
3.2 Avaliação Formativa	20
3.3 Avaliação Sumativa	21
4. Coadjuvação no 2º Ciclo	22
5. Área 2 - Organização e Administração Escolar	23
6. Área 3 - Projetos e Parcerias	24
7. Área 4 - Atitude Ético-profissional	25
CAPÍTULO III – APROFUNDAMENTO DO TEMA-PROBLEMA	26
Proposta de Abordagem Metodológica da Dança no 2º Ciclo do Ensino Básico	26
Introdução	27
Metodologia	28
Referenciais Teóricos	28
A Dança no 2º CEB	30
Proposta	31
Avaliação Formativa Inicial.....	32
Objetivos	33
Avaliação	37
Competências.....	39
Fase Introdutória.....	40
Fase do desenvolvimento.....	41
Fase Final.....	43
Reflexões acerca da proposta metodológica	44
Síntese conclusiva:	45
Reflexões Finais	47
Bibliografia	48
ANEXOS	51

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Relação entre os planeamentos.....	7
Figura 2 – Divisão das matérias por período.....	9
Figura 3 – Elementos da dança relacionados ao eixo o meu corpo.....	42
Figura 4 – Elementos da dança relacionados ao eixo o meu corpo no espaço.....	43
Figura 5 – Elementos da dança relacionados ao eixo o meu corpo e o outro.....	44

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Avaliação Formativa Inicial 5º Ano – Pré introdutório.....	33
Quadro 2 - Avaliação Formativa Inicial 6º Ano – Introdutório.....	34
Quadro 3 - Objetivos das Competências a adquirir no Ensino da Dança no 5º ano de escolaridade.....	34
Quadro 4 – Objetivos das Competências a adquirir no Ensino da Dança no 6º ano de escolaridade.....	36
Quadro 5 – Evidências a serem observadas no 5º ano de escolaridade.....	38
Quadro 6 – Evidências a serem observadas no 6º ano de escolaridade.....	39
Quadro 7 – Competências as serem desenvolvidas no 2ºCEB.....	39
Quadro 8 – Exemplo de desenvolvimento por etapas de tarefas nos diferentes eixos...	46

LISTA DE ABREVIATURAS

EF – Educação Física

EP – Estágio Pedagógico

PNEF – Programa Nacional de Educação Física

CEB – Ciclo do Ensino Básico

INTRODUÇÃO

No âmbito do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra temos o Estágio Pedagógico (EP) que visa possibilitar a vivência do estudante em um contexto profissional durante um ano letivo, ampliando assim sua percepção em relação à futura profissão e suas habilidades para exercê-la.

Durante este ano tivemos a oportunidade de colocar em prática todo o conhecimento recebido na formação e refletir sobre a relação entre teoria e prática, buscando as melhores estratégias para um processo de ensino aprendizagem significativo.

O presente Relatório de Estágio (RE) foi desenvolvido com base nas experiências vivenciadas durante as aulas de Educação Física (EF) da turma do 7º ano A, na Escola de Ensino Básico 2, 3 Drª Maria Alice Gouveia, no ano letivo 2018/2019, e também em atividades adjacentes que em muito enriqueceram nossa formação. Além da exposição e reflexão sobre o ano letivo no EP, este RE também contém o aprofundamento do tema problema que apresenta uma proposta metodológica para o ensino da dança no 2º ciclo do ensino básico.

Sendo assim, este relatório apresenta a seguinte estrutura:

1. Contextualização da prática desenvolvida
2. Análise reflexiva sobre a prática pedagógica
3. Aprofundamento do tema problema

Esperamos que seja útil aos atuais e futuros docentes interessados em conhecer a experiência do EP.

CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA

Apresentamos neste capítulo uma análise dos elementos contextuais em que se desenvolveu o EP, desde as expectativas iniciais e o projeto formativo às condições encontradas ao chegarmos à escola.

1. Expectativas Iniciais

Ao refletir sobre o que esta experiência significa percebemos que a nossa expectativa era de por meio da imersão no ensino regular em Portugal desenvolver competências que nos tornassem professores mais eficientes e eficazes. Em resumo, profissionais do ensino de EF que de fato contribuam para um ensino transformador.

Além de compreender como o Programa Nacional de Educação Física (PNEF) é aplicado na prática, com as limitações reais (sejam elas de calendário, de meteorologia, derivadas das características da turma...), a ideia era compreender as relações dentro da escola e mais especificamente nas aulas. Perceber a cultura escolar e o papel que a EF tem na mesma. Refletir sobre o contexto analisando as relações entre pares, entre professores e alunos, entre os agentes da comunidade escolar, nos ajuda a perceber o cerne da atuação profissional. Entender como a EF é vista dentro do ambiente escolar nos permite refletir profundamente sobre o valor, o papel de nossa atuação e buscar mecanismos de atuação que toquem os alunos e a comunidade escolar.

Pensando na nossa atuação prática, a expectativa central era encontrar uma maneira eficaz para aplicar o que aprendemos durante nossa formação e o estudo do PNEF atendendo as diferentes demandas que pudessem aparecer na turma. Entendendo essas demandas, esperávamos atuar de forma que todos os alunos tenham sucesso, melhorando seu desempenho motor mas também seu desenvolvimento nos âmbitos cognitivo e psicossocial. Para tal, desejávamos nos manter comprometidos em planejar aulas dinâmicas e que atendessem às necessidades apresentadas, mas sempre a colocar os alunos em uma posição de agentes ativos e corresponsáveis pelo bom desenvolvimento das mesmas.

Apesar de termos experiência docente em outros contextos, que nos permitiu uma maior segurança em nossa atuação, percebemos algumas inseguranças bem claras logo no início do processo. Dentre elas podemos citar como o fato de lecionar as modalidades badminton e ginástica de aparelhos, pois nossa vivência nestas modalidades foi muito

restrita, o que exigiu um maior tempo de estudo e preparo para as aulas. Também nos vimos cheios de dúvidas em relação aos documentos do planejamento, o que foi solucionado com o tempo e com a ajuda mútua entre os colegas e os direcionamentos dos professores orientadores.

Para encontrar caminhos de sucesso sabemos que é importante trabalhar em equipa, onde a troca de conhecimento e experiências nos faz ampliar a visão sobre as situações vivenciadas e nos enriquecem como profissionais e como pessoas. Com esta certeza, tínhamos a ideia de trabalhar juntos e solicitar o apoio da equipa de Educação Física sempre que necessário. Também esperávamos criar forte vínculo com a professora orientadora e aproveitar cada crítica como uma oportunidade de reflexão e crescimento.

2. Projeto formativo

A produção do Projeto de Formação Inicial no início do EP foi de fundamental importância para uma reflexão profunda sobre os objetivos que almejávamos alcançar e as principais dificuldades que estávamos a ter ao entrar na realidade escolar.

No âmbito do planejamento, nos deparamos com a dificuldade de criar atividades que atendessem aos diferentes níveis da turma, possibilitando que todos os alunos vivenciassem situações de êxito e crescimento. Para superar essa dificuldade buscamos estudar mais a fundo cada modalidade lecionada, além de conversar com diferentes professores e colegas estagiários sobre estratégias utilizadas.

No decorrer das aulas, percebemos que mesmo com um planejamento que atendesse aos diferentes grupos era muito difícil atuar de maneira homogênea (ou quase) entre eles, pois por vezes acabávamos por dar maior atenção e maior número de feedbacks para um dos grupos, deixando assim alguns alunos desestimulados na execução das tarefas. Para solucionar este problema, conversamos bastante com nossa orientadora da escola sobre que estratégias utilizar, além de nos ajudar sempre chamando a atenção um do outro ao perceber que isto poderia acontecer.

Outra dificuldade apresentada durante as aulas foi de otimizar o tempo de prática em dias que a turma estava mais dispersa. Para melhorar este fator, foram criadas rotinas e sinais que estimulavam a atenção dos alunos.

3. Elementos relativos às condições locais e da relação educativa

3.1 Caracterização da escola

A Escola Básica 2,3 Dr^a Maria Alice Gouveia é a sede do Agrupamento de Escolas Coimbra Sul, também constituído pelas escolas: EB23 Ceira, EB1 Almalaguês, EB1 APPC, CE Areeiro (JI e EB1), EB1 Castelo Viegas, EB1 Norton de Matos, CE Quinta das Flores (JI e EB1), EB1 Torres do Mondego, EB1 Vendas de Ceira e JI Ceira.

Encontra-se localizada na freguesia de Santo Antônio dos Olivais, a maior freguesia de Coimbra, que tem atualmente cerca de 60 mil habitantes.

No ano letivo de 2018/2019 a escola atendeu 749 alunos, sendo 296 alunos no 2º CEB e 453 alunos no 3ºCEB e contou com cerca de 200 docentes e 68 funcionários não docentes. A estrutura física da escola é muito boa, com 6 blocos, 5 campos externos, pista de atletismo e caixa de areia. No bloco A funcionam a secretaria, direção, reprografia, sala de professores e de diretores de turmas e salas de atendimento aos encarregados de educação. Os blocos B, C e D são reservados para salas de aulas. O bloco G, destinado para as aulas de educação física, comporta um campo e uma sala equipada de ginástica. No bloco R encontramos o bar dos alunos, a papelaria e uma sala de dança.

Especificamente para as aulas de educação física, para além da boa estrutura física há também boa quantidade e variedade de material para utilizar durante as aulas de grande parte das matérias, fator este que contribui efetivamente para um maior sucesso dos alunos.

De forma geral, os alunos da escola têm um bom aproveitamento e um comportamento mediano, precisando por vezes que os funcionários intervenham em situações de indisciplina.

3.2 Caracterização do grupo de Educação Física

O grupo de Educação Física da Escola Básica EB 2.3 Dr.a Maria Alice Gouveia é formado por sete professores, além dos três estagiários orientados pela professora Lurdes Pereira. O grupo demonstrou bastante seriedade quanto ao cumprimento dos objetivos designados e à qualidade do trabalho desenvolvido.

A professora cooperante que acompanhou o trabalho dos três estagiários da escola já atua nesta função há vários anos e se mostrou completamente disponível em nos auxiliar

e facilitar nossa atuação. Esteve sempre presente, permitindo nossa autonomia e contribuindo com correções e reflexões que muito engrandeceram nosso trabalho.

Como parte do grupo, participamos de todas as reuniões de área e de departamento, mesmo que apenas como observadores algumas vezes. Os professores se mostraram disponíveis para contribuir com o estágio, seja em momentos em que assistimos aulas, seja em momentos que precisamos de troca ou de partilhar o espaço, seja quando precisamos organizar aulas e eventos. Foi possível aprender bastante com os mesmos, especialmente com os responsáveis pelas turmas de coadjuvação.

3.3 Diagnóstico da turma

A turma do 7ºA da Escola Básica EB 2.3 Dr.^a Maria Alice Gouveia iniciou o ano letivo com 21 alunos, porém recebeu mais um aluno no meio do primeiro período e uma aluna no final do mesmo, totalizando assim 23 alunos. Sendo desses 23 alunos, 11 do género feminino e 12 do género masculino. Esta turma foi composta por 21 alunos com 12 anos, 1 aluno com 13 e 1 aluno com 15 anos. Os dois alunos com idade mais avançada já repetiram de ano e não apresentavam grande motivação académica. Logo na primeira semana de aula, os alunos preencheram a Ficha Individual do Aluno (Anexo 1), fornecendo-nos assim dados para traçar o perfil da turma.

A turma possuía um bom nível de socialização entre si, um comportamento mediano nas diversas disciplinas e existiam dois alunos que apresentavam regularmente comportamentos fora da tarefa e desestabilizavam a turma. Para atenuar essa situação optamos por conversas individualizadas e por colocá-los em diferentes grupos de trabalho, porém em alguns momentos específicos foi necessário que ficassem um tempo fora da prática.

Em termos motores, percebemos a heterogeneidade logo nas avaliações formativas iniciais das primeiras modalidades. Apesar de 13 alunos praticarem atividades físicas fora do horário regular, esta turma foi considerada mediana, com cerca de 11 alunos iniciantes, 9 com um nível intermédio e 2 avançados nos desportos desenvolvidos. Em relação ao grupo iniciante, podemos dizer que 3 alunos demonstravam grandes dificuldades, não apresentando uma boa consolidação das habilidades motoras básicas.

Uma aluna da turma estava impossibilitada de realizar atividades físicas pois apresentava um grau acentuado de escoliose. Para inseri-la de forma mais ativa nas aulas criamos atividades de auxílio durante as tarefas.

A turma respondeu melhor através de uma abordagem pela positiva, onde a auto estima e o respeito ao outro eram sempre enfatizados, tornando o clima das aulas bom na maioria das vezes e aumentando a qualidade das prestações realizadas.

CAPÍTULO II – ANÁLISE REFLEXIVA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Neste capítulo apresentaremos a reflexão acerca dos aspectos críticos da intervenção na escola, além do percurso global de nossa prática pedagógica durante o ano letivo.

Baseados na literatura disponível, buscamos fundamentar nossas opções para o desenvolvimento do trabalho junto ao 7ºA. Apesar da compreensão de que a intervenção ocorre de forma global, optamos por dividir este capítulo em sub-itens com o intuito de o tornar mais didático, facilitando assim o entendimento do trabalho realizado.

1. Planejamento

A realização do planejamento organiza e orienta a atuação docente no processo de ensino-aprendizagem. Porém, é de todo um documento que pode ser alterado e adaptado às necessidades que surgem no decorrer da prática.

Sendo certo que existem múltiplos fatores de eficiência e eficácia no ensino da educação física que são dificilmente controlados pelo professor, também existem outros, igualmente importantes, que fazem parte da competência profissional e devem ser intencional e conscientemente assumidos na prática diária – o planejamento é um desses fatores. (Fachada, 2018)

Antes do planejamento ser colocado no papel, há a necessidade de se refletir sobre quem vai aprender, o valor formativo do que será ensinado, onde se quer chegar e como chegar, quais os recursos necessários para tal e como avaliar o processo e os resultados. Com uma concepção base em mente, é possível começar a “desenhar” o planejamento formal e ver com maior clareza as ideias e fundamentações.

A actividade do planejamento do professor de educação física corporiza ainda uma antecipação mental do seu ensino, compreendendo tomadas de decisão acerca de determinadas categorias didáticas, procurando definir os contornos de um modelo de actuação no processo pedagógico. (Bento, 1987. P. 51)

Também está no planeamento a interpretação que o professor faz a respeito do programa e das condições apresentadas e suas crenças em relação às metodologias mais adequadas a serem aplicadas.

Os trabalhos de planeamento do professor de educação física relacionam a direção essencial das exigências e conteúdos programáticos com a situação pedagógica concreta; são expressão da personalidade do professor, do seu conhecimento e competência, do seu estilo individual de ensinar. (Bento, 1987. p. 50)

Durante este estágio os guias de ação foram: o plano anual, as unidades didáticas e os planos de aula, compreendendo a correlação entre eles, do macro planeamento, passando pelo meso planeamento e chegando ao micro planeamento (Fig. 1).

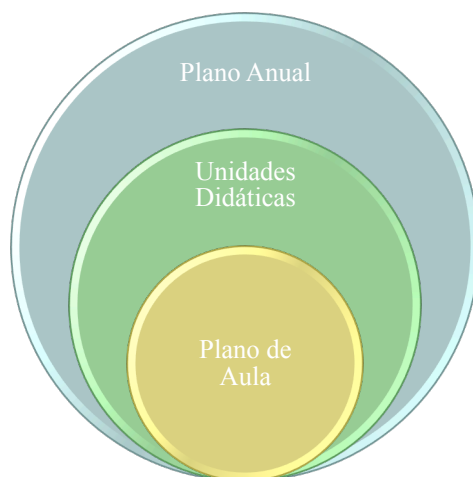


Figura 1 – Relação entre os planeamentos

1.1 Plano anual

O plano anual é o guia central da ação do professor, pois neste há a descrição dos conteúdos que serão desenvolvidos no decorrer do ano letivo. Com isso, deve ser o primeiro documento a ser redigido, pois a partir dele serão elaboradas as unidades didáticas e os planos de aula.

Para a elaboração do plano anual do 7º ano A da EB 2,3 Drª Maria Alice Gouveia, foram considerados o projeto educativo 2017/2021, os documentos produzidos pelo grupo de educação física, o PNEF 3º ciclo, as Aprendizagens Essenciais e o Perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória.

Para além desses documentos, foi preciso compreender a forma que as aulas são estruturadas dentro desta escola, mais precisamente em relação aos recursos temporais, materiais, humanos e espaciais.

Já na primeira reunião do Grupo de Educação Física, ficou estabelecido que a rotação dos espaços aconteceria a cada duas semanas, de acordo com uma grelha pré-definida (Anexo 2). A cada troca, as turmas passavam a fazer aula no espaço à direita sinalizado na grelha. A rotação ocorre devido à quantidade de turmas e às questões climáticas que limitam os espaços a serem utilizados em determinadas épocas do ano. Esta decisão teve um grande impacto na produção do plano anual, pois várias matérias deveriam ser lecionadas alternadamente de acordo com o espaço físico disponível e havíamos cogitado experimentar o Modelo de Educação Desportiva (MED). Para o desenvolvimento deste modelo seria necessário manter a mesma matéria por mais aulas seguidas, caracterizando assim uma temporada, logo, com esta impossibilidade, tivemos que reformular nossa metodologia.

Após esta vivência, percebemos que a rotação a cada duas semanas apresenta a vantagem de tornar as aulas mais atrativas, pois estamos sempre a alterar a matéria trabalhada. Além disso, pareceu-nos uma forma mais justa de divisão do espaço, pois caso ficássemos mais tempo em cada espaço físico, os professores que ocupassem os espaços externos poderiam ficar prejudicados.

Porém, consideramos que este tipo de rotação também apresenta desvantagens, pois interrompe a continuidade dos conteúdos e impossibilita atender algumas especificidades da turma, pois, mesmo se o professor verificar que é importante ficar mais tempo em um conteúdo isso pode ser inviável dependendo do espaço disponível para as aulas. Outra desvantagem é que a rotação condiciona as matérias que serão dadas por período, limitando as opções do professor.

Após a leitura e respectiva reflexão acerca dos documentos bases e a relação com as condições reais de prática (especialmente em relação à rotação de espaços), o Núcleo de Estágio, juntamente com a professora orientadora da escola definiu as matérias a serem lecionadas durante o ano (Fig. 2).

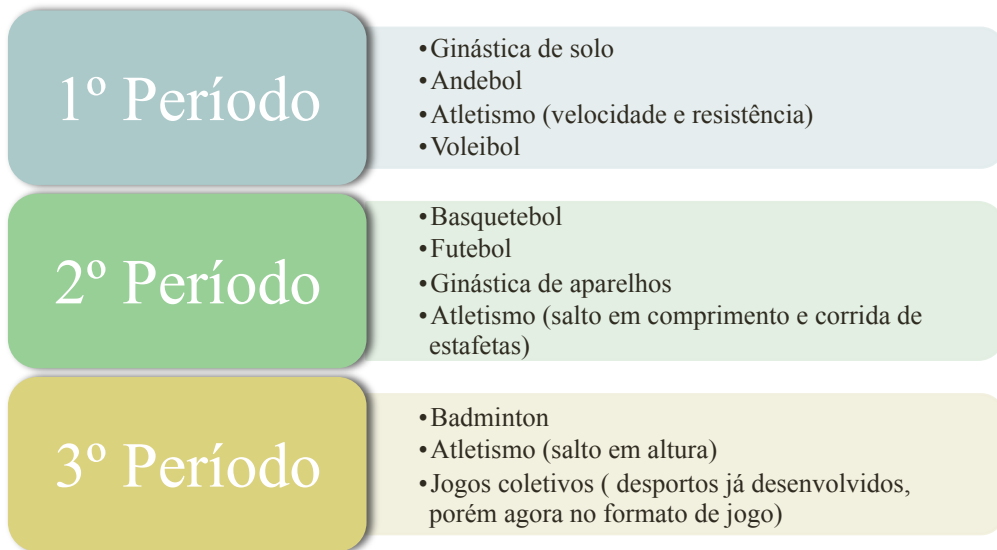


Figura 2 – Divisão das matérias por período

Ficou estabelecido assim que em todos os períodos tínhamos modalidades individuais e coletivas. Dentro da possibilidade, o ensino dos conteúdos seguiu a sequência do mais simples para o mais complexo, buscando também realizar transferências horizontais, ou seja, transferências de habilidades adquiridas em uma modalidade para outra. Isso ficou bem claro no desenvolvimento da consciência da ocupação de espaço nos desportos coletivos por exemplo.

É importante salientar que o desenvolvimento da condição física foi trabalhado durante todo o ano letivo, normalmente em conjunto com as demais modalidades. A condição física dos alunos foi avaliada através dos testes do Fitescola no 1º e no 3º período.

De acordo com Bento (1987):

É um plano de perspectiva global que procura situar e concretizar o programa de ensino – no local e nas pessoas envolvidas. Constitui, pois, um plano sem pormenores da atuação ao longo do ano, requerendo, no entanto, trabalhos preparatórios de análise e de balanço, assim como reflexões a longo prazo.

Como já esperado, o plano anual sofreu algumas alterações durante o ano letivo, por vezes por conta de aulas canceladas devido à outros eventos que ocorreram nos dias de aulas e outras vezes devido ao desempenho da turma. Por exemplo, o conteúdo corrida de estafetas foi reforçado no 3º período, pois não foi bem assimilado durante o 2º período.

1.2 Unidades Didáticas

Tendo o plano anual construído, os próximos documentos a serem elaborados foram as unidades didáticas. Este planejamento intermédio, além de ser elaborado por modalidade, também é mais específicas do que o plano anual.

Siedentop (1994, p. 262) coloca que o conteúdo de uma unidade deve ser elaborado de forma que os objetivos finais representem resultados significativos. Contudo, o resultado final de uma unidade de ensino depende essencialmente do nível de habilidade motora dos alunos no momento em que começam a unidade. Logo, antes de elaborar cada unidade didática foram realizadas as avaliações formativas iniciais para compreender o nível motor dos alunos da turma.

Segundo Valle e Garcia (2007), a Unidade Didática é uma unidade de trabalho relativa a um processo de ensino-aprendizagem articulado e completo. Ou seja, este documento apresenta as informações necessárias a respeito da modalidade citada, a metodologia que será individualizada para a turma, respeitando as diferenças de níveis motores e de apreensão dos conteúdos pelos alunos e as avaliações realizadas.

Estes instrumentos do planejamento foram fulcrais no sentido de refletir, organizar e visualizar o desenvolvimento da prática em cada modalidade proposta. Indo muito além da definição das habilidades motoras a serem trabalhadas, também foi preciso refletir sobre qual a melhor progressão pedagógica entre as mesmas e como avaliar o processo e seus resultados.

Todas as unidades didáticas foram construídas baseadas em um modelo geral e foram organizadas através dos seguintes pontos: caracterização da modalidade, especificando a história e as regras; caracterização dos recursos (humanos, temporais, espaciais e materiais); objetivos; habilidades motoras, extensão e sequência dos conteúdos, progressões pedagógicas, estratégias de ensino, avaliação e um balanço realizado ao fim da mesma.

Como era de se esperar as unidades didáticas também sofreram alterações devido aos constrangimentos que surgiam, como por exemplo, devido à limitação de materiais alguns conteúdos da ginástica de aparelho foram suprimidos. Também foram realizados ajustamentos devido à algumas respostas diferentes do esperado por parte dos alunos. Para demonstrar alguns desses ajustamentos, tivemos na unidade didática de voleibol um grupo de alunos que não chegou a participar do jogo adaptado 4X4, pois não atingiu as

habilidades básicas necessárias para tal e na unidade didática de basquetebol alguns alunos que estava no grupo avançado treinavam o drible com uma mão e com a outra trocavam passes em duplas utilizando uma bola de tênis.

1.3 Plano de Aula

Com a base do planejamento estruturada, ou seja, conteúdos e sequências pedagógicas definidas, é preciso partir para o documento mais específico de todos: o plano de aula (Anexo 3). Este, na verdade estes, são a alma do planejamento. Nele contém a especificidade de cada aula, baseada na sequência lógica já definida e em congruência com as respostas dadas pela turma em questão.

De acordo com Bento (1987, p. 140), o a preparação da aula constitui, pois, o elo final da cadeia de planejamento do ensino pelo professor.

Cada aula apresenta um infinito de possibilidades, pois existem muitos fatores que influenciam a condução da mesma e se é impossível tudo controlar, faz-se urgente se aprofundar no exercício de prever as situações e estar preparado para lidar com os imprevistos.

Para tal, o plano de aula deve ser o mais detalhado possível abrangendo além da descrição das atividades os seguintes tópicos:

- Cabeçalho detalhado, com nome do professor, data, horário e duração da aula, número da aula, número de alunos previstos e dispensados, função didática, objetivos, recursos materiais e espaciais.
- Descrição da aula, sendo esta dividida em parte inicial, fundamental e final. Em cada uma das partes deve ter o horário e o tempo necessário para cada instrução e realização da tarefa; a descrição, o objetivo específico, as componentes críticas, os critérios de êxito e o estilo de ensino de cada tarefa.
- Fundamentação da aula, com as justificativas para as decisões tomadas e suas devidas referências.
- Reflexão crítica, que deve ser feita após a realização da aula, avaliando todas as dimensões da mesma além das decisões de ajustamento.

Em cada aula, os alunos tinham os primeiros 5 minutos para se equiparem e os últimos 10 minutos para realizarem a higiene pessoal. Este tempo é bem significativo,

principalmente quando falamos de uma aula de 45 minutos, o que reforça ainda mais a necessidade de um plano de aula bem estruturado.

Ao colocar todos esses dados no papel, torna-se bem mais clara a atuação do professor naquela aula, otimizando assim o aproveitamento da mesma. Mas para além da descrição já citada foi essencial ter em mente a importância de se desenvolver os alunos nos domínios psicomotor, cognitivo e afetivo. Isto nos fez estar atentos não apenas às prestações motoras apresentadas, mas também ao entendimento e à motivação dos alunos durante as tarefas.

Os planos foram feitos com ênfase na progressão motora de cada grupo de habilidades e a qualidade das prestações foi sempre muito incentivada. Também estivemos sempre preocupados em apresentar aulas dinâmicas que despertassem a motivação dos alunos. Para tal, foram utilizadas tarefas cooperativas e competitivas.

Siedentop (1994, p. 312) sugere que o ensino eficaz deve ser avaliado em função do nível de engajamento dos alunos e de seus resultados.

A parte final da aula recebeu sempre uma atenção especial, pois muitos alunos realizavam os alongamentos sem terem consciência do alinhamento corporal, como se fosse uma rotina a cumprir e sem grande importância. Enfatizamos junto dos alunos os benefícios do alongamento e refletimos sobre o fato de não haver sentido algum em fazer de qualquer jeito, podendo até ser uma forma arriscada considerando o risco de lesões.

Este momento final da aula também foi muito importante para que os alunos pudessem falar suas impressões e serem sujeitos mais ativos no processo de ensino aprendizagem.

Em diversas aulas nos deparamos com questionamentos e colocações que em muito contribuíram para a continuidade do trabalho. Em alguns momentos fomos confrontados com alunos insatisfeitos com a divisão da turma por grupos de níveis. Isso nos fez questionar se realmente esta era a melhor alternativa para alcançar os objetivos propostos e nos fez atuar mais vezes outra forma, visto que para uma boa aprendizagem é fundamental que haja motivação por parte dos intervenientes.

Se aceitarmos que o objetivo de toda a educação consiste em ajudar os alunos a identificar-se com o que aprendem e com o processo de aprendizagem, então não poderemos conceber o ensino apenas como campo de afirmação e obtenção de objetivos do professor, mas sim como processo de comunicação e entendimento, no qual os alunos são tomados como sujeitos. (Bento 1987, p. 161)

No início do ano letivo tivemos o auxílio da professora orientadora para a realização dos planos de aula e a cada aula ela os avaliava e fornecia feedbacks para nosso crescimento como docentes. Com o passar do tempo tivemos mais autonomia para a realização dos mesmos, entretanto a professora esteve sempre a observá-los e continuou a apresentar as críticas necessárias.

A reflexão após a aula tem um papel fundamental para a construção dos próximos planos de aula, orientando o professor a atuar de forma mais específica de acordo com as demandas apresentadas pelos alunos.

Compreendemos a importância de um planejamento detalhado para nos dar base para a prática, mas por vezes percebemos que o tempo dedicado era demasiado e refletimos sobre possibilidades mais objetivas de confecção desses documentos.

2. Realização

Realizar vem do latim *realis*, que significa verdadeiro. Neste caso específico podemos entender que a realização do EP foi a aplicação dos conhecimentos adquiridos durante a formação em um ambiente real e também que ali estávamos verdadeiramente entregues às novas experiências, com nossa essência e vontade de aprender.

Várias dimensões estão conectadas no processo de realização, mas para uma análise mais didática este tópico foi dividido da seguinte forma: instrução, gestão, clima e disciplina e decisões de ajustamento.

2.1 Instrução

A dimensão instrução está relacionada à maneira como transmitimos informações aos alunos, seja nas explicações das tarefas, nas demonstrações das mesmas, nos feedbacks ou nas reflexões e análises finais.

Consideramos o desenvolvimento desta dimensão como fundamental para que a aula corra bem, afinal de contas, a instrução pode motivar e deixar claro o que se espera dos alunos ou, se mal conduzida, gerar grande perda de tempo de prática e não contribuir para o aperfeiçoamento das prestações.

Durante todo o mestrado aprendemos a importância de sermos claros e concisos durante as instruções, mas no início do EP percebemos que nem sempre isso é fácil. Foi de grande valia calcular o tempo gasto nas instruções, pois nos fez perceber e avaliar quanto da aula estava sendo utilizado nesta dimensão e nos ajudou a buscar estratégias para

melhorar neste quesito. Por vezes gastamos muito tempo nas instruções iniciais, preocupados em passar as informações de maneira detalhada para que os alunos compreendessem o que pedíamos. Com o tempo e a experiência adquirida, conseguimos gastar menos tempo nas instruções, sendo mais diretos e aumentando o número de informações durante a tarefa, ampliando assim o tempo de prática nas aulas.

Algumas vezes durante o ano, também utilizamos um tempo maior do que o esperado para as instruções devido ao comportamento da turma. Como optamos por trabalhar com o desenvolvimento da autonomia, da consciência social dos alunos e do respeito, em algumas aulas paramos a instrução até que a turma ficasse em silêncio para ouvir. Para solucionar essa situação conversamos com os alunos e criamos sinais sonoros para chamar a atenção e todos ficarem em silêncio. Tivemos um bom resultado nesta questão, mas com consciência de que ainda poderia ser melhor.

Em relação às demonstrações, optamos por utilizar em tarefas mais complexas, com o intuito de facilitar a compreensão e os detalhes que deveriam ser observados durante as mesmas. Por vezes fizemos as demonstrações e em outras solicitamos que algum aluno fizesse.

Outra dificuldade que percebemos logo no início das aulas foi em relação ao fechamento do ciclo de feedback. Compreendemos que a qualidade do feedback é muito mais relevante do que a quantidade de feedbacks dados. Mas, apesar de estarmos atentos a dar feedbacks instrutivos (juntamente com feedbacks motivacionais, pois logo percebemos como isso funcionava na turma), muitas vezes não fornecíamos o feedback final sobre a mudança na prestação. Acreditamos que este fato se dava devido a ansiedade de observar toda a turma e tentar estar presente para todos os alunos, sem ficar muito tempo em um grupo.

Ainda em relação a esta questão, percebemos que ao procurar fechar o ciclo de feedback ficamos mais tempo da aula fornecendo informações aos alunos com maiores dificuldades motoras, o que nos fez buscar um maior equilíbrio durante o ano letivo, não deixando os alunos que executavam melhores prestações sem um retorno.

2.2 Gestão

Claro e Filgueiras (2009) definem a gestão de aula como a capacidade de manter um ambiente favorável às aprendizagens. Envolvendo competências de comunicação,

organização, regras e atitudes. Ressaltam ainda que, de acordo com a literatura, a gestão é uma das principais dificuldades dos professores iniciantes.

A atenção à gestão da aula se deu desde o início do EP, e foi se aprimorando no decorrer do mesmo. Já no planeamento, procurávamos organizar a aula de forma a otimizar o tempo de prática. Como exemplo de estratégias podemos citar o fato de já chegarmos na aula com os grupos de trabalho definidos, a preocupação de não haver grandes mudanças na estrutura entre as tarefas e variantes já planeadas caso fosse preciso algum ajustamento. Em épocas que a possibilidade de chuva era grande, também preparávamos um plano B caso fosse preciso dividir o espaço coberto com outra turma.

Procuramos sempre chegar à escola antes do horário da aula para preparar o material que seria utilizado, especialmente nos dias em que era preciso colocá-los em alguma disposição específica, ou montar uma rede.

Por diversas vezes aproveitamos o fato de apenas a nossa turma estar no espaço externo e preparar atividades distintas no C1 e no C2, sem prejudicar o tempo de prática dos alunos com a recolha dos materiais entre as atividades. A distribuição dos materiais para uso individual também se dava de forma organizada, geralmente a medida que os grupos de trabalho eram anunciados iam pegando o material. No caso das aulas de ginástica, era solicitados aos alunos que ajudassem a recolher o material ao final da aula.

Logo no início do ano estabelecemos algumas regras de organização da aula, e percebemos que a exposição do objetivo da mesma no início propiciava um maior interesse dos alunos pelo conteúdo.

Após as avaliações formativas iniciais, passamos a adotar a estratégia de mudar as tarefas de cada grupo em um momento distinto, possibilitando assim que os alunos se mantivessem em atividade enquanto eram passadas as instruções para os outros grupos. Apesar de tirar a autonomia da escolha dos grupos pelos alunos, o fato de já os ter definidos se mostrou bastante eficaz na otimização do tempo.

A variação de estilos de ensino também possibilitou um melhor aproveitamento do tempo de aula, visto que quando não havia material ou espaço para a turma toda, optamos pelo ensino recíproco, aonde enquanto um aluno executava seu par analisava e fornecia feedbacks, ampliando assim o conhecimento de todos (Anexo 4).

2.3 Clima/Disciplina

Esta dimensão apresenta aspectos de fundamental importância para o bom desenvolvimento do planeamento. Apesar de estarmos focados no ensino das habilidades motoras e dos outros conteúdos da EF, podemos compreender a importância de se estabelecer boas relações com os alunos e o nosso papel na criação de um clima agradável nas aulas. Compreendemos que nem sempre os alunos colaboram e às vezes é difícil ter paciência com atitudes fora da tarefa, mas é preciso ter em mente que nós somos os adultos e estamos ali para também ser um exemplo de como agir diante de um conflito ou uma dificuldade.

O desafio proposto no EP nos inspirou e nos manteve motivados durante todo o ano letivo. Entendemos que não podemos cobrar motivação se não estivermos motivados. E nossa motivação possibilitou uma atitude quase sempre ativa e animada perante a turma, contribuindo também para um bom clima.

Apesar da turma do 7º ano A apresentar diversos comportamentos inadequados nas diferentes disciplinas, optamos por atuar através de uma pedagogia positiva, sempre proporcionando um momento de reflexão sobre as atitudes e escolhas, promovendo a autonomia e o respeito interpessoal. Essa escolha nos pareceu acertada pois na maioria das vezes gerou um clima positivo durante as aulas, além de proporcionar mudanças de comportamento significativas em alguns alunos.

Detectamos que em alguns casos, os comportamentos desviantes eram gerados por falta de motivação em alunos com grandes dificuldades motoras. Fizemos um trabalho intensivo de incentivo e criação de possibilidades de crescimento específico para esses alunos e o resultado foi realmente gratificante. Nitidamente houve um aumento da auto estima e conseqüentemente uma melhora no desempenho motor, o que acarretou em uma melhor relação interferindo positivamente no clima das aulas.

A segurança psicológica é também um fator importante para a conquista de um ambiente de aprendizagem adequado. Os alunos não apenas precisam se comportar de um modo seguro como também precisam sentir-se seguros. Isto simplesmente significa que os alunos deveriam sentir-se cómodos em relação à sua participação e estarem completamente dispostos a participar. O aluno estará seguro psicologicamente desde o momento em que seus esforços sejam apoiados e nunca seja exposto ao ridículo ou a comentários negativos.

(Siedentop, 1994, p. 256)

Já no caso específico dos dois alunos que apresentavam constantemente atitudes fora da tarefa, nem sempre o resultado foi positivo. Na realidade havia uma alternância de

postura dos mesmos e também da nossa parte, que por vezes perdemos a paciência e assumimos posturas mais autoritárias.

Percebemos que este tipo de postura pode até gerar um resultado instantâneo, mas não gerou maior consciência por parte dos alunos e nem uma mudança efetiva no comportamento. Por vezes, consideramos até que este tipo de postura ampliou o comportamento desafiador.

Assistimos algumas aulas de colegas nesta e em outras instituições em que o castigo físico era empregado para combater comportamentos desviantes. Tendo a convicção de que, apesar da tendência natural é repetirmos o que vivenciamos como alunos, queremos sempre refletir nossa prática e atuar de forma a estimular a aprendizagem pela consciência e pelo respeito e não através do medo.

Siedentop (1994, p. 179) ressalta que a sensibilidade em relação aos alunos representa o fio condutor que unem todas as habilidades que permitem o estabelecimento das relações interpessoais.

Nos empenhamos em manter essa sensibilidade durante o ano letivo e em tentar compreender as demandas apresentadas pelos alunos e acreditamos que isso foi essencial para a manutenção do clima positivo.

2.4 Decisões de ajustamento

Planejar é fundamental para o desenvolvimento do trabalho, mas ter flexibilidade neste planejamento é fundamental para o sucesso docente. Nos organizamos, nos preparamos e seguimos a essência do nosso planejamento, mas como na vida, perceber que as situações mudam e que é preciso se adaptar foi um grande ensinamento e nos aprimorou como professores. Desde diversos planos de aula ao plano anual verificamos decisões de ajustamento, ou seja, foram necessárias adaptações para melhor atender aos alunos da turma.

Essas adaptações ocorreram no nível micro, como por exemplo mudanças nos grupos de trabalho, que podem ter sido realizadas pela falta de alunos na aula ou por perceber durante as prestações que algum alunos poderiam se encaixar melhor em outros grupos ou até mesmo por uma limitação do espaço até o nível macro, tendo como exemplo alguns conteúdos definidos no plano anual, que podem ter sido inseridos ou retirados de acordo com o desenvolvimento da turma.

À medida que o ano letivo foi passando nossa capacidade de adaptação apresentou um desenvolvimento significativo, tanto no sentido de prever melhor situações a precisar de ajustes e já ter no plano possibilidades de ajustamento como no sentido de tomar na hora uma decisão acertada. Percebemos uma maior segurança quando decidíamos manter por mais ou por menos tempo uma tarefa em função das respostas dos alunos e também nas rapidez de solucionar imprevistos sem comprometer o andamento da aula.

3. Avaliação

Dentro da tríade planejar, realizar e avaliar, este último item aparece como fundamental para o sucesso da prática pedagógica. Avaliar o processo e os resultados obtidos nos indicam caminhos que podemos manter e nos mostram a necessidade de buscar novos caminhos quando percebemos que algo poderia ser melhor. Para que seja fidedigna, é importante ter um método claro que aponte o que consideramos fundamental no processo de ensino aprendizagem.

“A avaliação constitui um processo regulador do ensino e da aprendizagem, que orienta o percurso escolar dos alunos e certifica as aprendizagens desenvolvidas. Tem por objetivo central a melhoria do ensino e da aprendizagem baseada num processo contínuo de intervenção pedagógica”. (Decreto-Lei n.º 17, 2016).

“A avaliação é um processo sistemático de recolha de informação respeitando determinadas exigências, que envolve a formulação de juízos de valor com base num referencial, de modo a facilitar a tomada de decisões.” (Nobre, 2015, p.46)

Definir os critérios de avaliação não é uma tarefa fácil, pois é preciso diminuir ao máximo a subjetividade. Para a construção das grelhas de avaliação tivemos como guia a grelha já definida pelo grupo de educação física para a avaliação formativa inicial e juntamente com a professora orientadora definimos os critérios para as avaliações formativas e sumativas.

No início do estágio tivemos mais dificuldade em avaliar todos os alunos, pois por vezes ficávamos demasiado tempo observando algum aluno específico, mas com o passar do tempo nossos olhares ficaram mais criteriosos e a avaliação correu de forma mais tranquila. Foi importante estudar a fundo todos os conteúdos ministrados para que pudessemos avaliar com qualidade as prestações dos alunos. Também tivemos uma excelente orientação da professora cooperante, que esteve disponível para auxiliar em quaisquer dúvidas que aparecessem nesse sentido.

É imprescindível que os critérios sejam claros e expostos aos alunos para que eles possam contribuir com sugestões críticas e compreender esta fase do processo.

“Poucos professores informam os alunos sobre os critérios que utilizam para avaliar e atribuir notas e conceitos, ou seja, os alunos, os maiores interessados, não sabem como serão avaliados e, em muitos casos, não entendem porque receberam essa ou aquela nota.”

(Darido, 2011, p. 126)

Acreditamos que mais do que avaliar as respostas dos alunos, estes momentos serviram para avaliar nossa atuação e as estratégias que utilizamos durante o ano. O estágio foi uma experiência incrível para refletirmos sobre o que acreditamos e principalmente como nos manifestamos na função docente. Esta experiência nos serviu para abalar algumas certezas que carregávamos e isto é fantástico, pois só crescemos e melhoramos quando estamos dispostos a nos analisar criticamente e a nos questionar.

Sem um trabalho de reflexão suficientemente aprofundado não é possível a avaliação dos alunos e da atividade pedagógica do professor. E sem controlo permanente da qualidade do ensino nenhum professor consegue garantir a eficácia e a melhoria da sua prática pessoal. (Bento, 1987, p. 150)

3.1 Avaliação Formativa Inicial

A avaliação inicial aplica-se no início do ano e tem como propósito detectar a situação inaugural do aluno. De certa forma, associa-se à função de diagnóstica, no sentido em que determina se o aluno possui as habilidades motoras suficientes para conhecer novas aprendizagens. A avaliação inicial facilita, ainda, a integração escolar dos alunos, sustenta a definição de estratégias de ensino e apoia a orientação escolar e vocacional. (Decreto-Lei n.º 17, 2016)

Fazer a avaliação formativa inicial foi crucial para entender o nível motor apresentado por cada aluno em cada matéria específica. Para a realização desta utilizamos uma grelha que foi desenvolvida pelo grupo de educação física, no intuito de uniformizar as avaliações nas diferentes turmas. Com os resultados em mãos, pudemos adaptar os conteúdos propostos no planos anual e construir a unidade didática de acordo com as especificidades do 7º ano A.

Os alunos foram classificados entre os níveis introdutório, elementar e avançado. Em algumas modalidades específicas, como por exemplo o voleibol, alguns alunos foram classificados ainda como nível pré introdutório. Essa divisão por níveis foi interessante para que pudessemos conhecer um pouco dos alunos e criar objetivos claros para cada nível. A partir desses resultados também pudemos trabalhar com grupos homogêneos nos quais as tarefas foram adequadas para as necessidades específicas e com grupos

heterogêneos em tarefas onde era possível executar cada um ao seu nível. Também foi interessante perceber que houve uma certa mobilidade de alunos dentro dos grupos homogêneos, possibilitando uma maior interação na turma.

3.2 Avaliação Formativa

O Decreto-Lei 139/2012 define em seu art. 24º que a avaliação formativa assume um caráter contínuo e sistemático, devendo recorrer a uma variedade de instrumentos de recolha de informação adequados à diversidade das aprendizagens e às circunstâncias em que ocorrem, permitindo aos professores, aos alunos, aos encarregados de educação e a outras pessoas ou entidades legalmente autorizadas obter informação sobre o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, com vista ao ajustamento de processos e estratégias.

Por esta avaliação nos permitir analisar o processo, consideramos que ela é responsável por ajustamentos sucessivos nas estratégias utilizadas em função dos sucessos e dos problemas de aprendizagem detectados.

Durante o ano letivo, optamos por realizar a avaliação formativa de diversas maneiras. Em algumas aulas tínhamos grelhas de avaliação relacionadas aos objetivos das mesmas, e mesmo que não conseguíssemos preencher de toda a turma em uma aula poderíamos terminar na próxima. O interessante de termos esse registro é que era possível fazer um comparativo e facilitar a compreensão dos alunos em relação às suas atuações. Também fazíamos sistematicamente na reflexão de cada plano de aula anotações dos principais pontos observados, como por exemplo alunos que se superaram ou apresentaram grandes dificuldades, ou estratégias que foram eficazes ou que não conseguiram tocar a turma.

Para além dessa forma de avaliar centrada em nosso olhar, também fazíamos um momento de reflexão ao final de cada aula, momento este em que os alunos tinham espaço para falarem sua percepção e apresentar sugestões para o desenvolvimento dos conteúdos. E além desse momento, utilizamos em algumas aulas a heteroavaliação, onde os alunos preenchiam pequenas grelhas avaliando a prestação dos colegas. Como tínhamos um foco bem estabelecido em ampliar o tempo de prática dos alunos, esta estratégia foi mais utilizada nas modalidades individuais, onde devido ao espaço e à quantidade de material não havia hipótese de todos praticarem ao mesmo tempo.

Refletir sobre as informações apresentadas nos fez atuar de forma mais dinâmica durante o processo e perceber nossas falhas, buscando sempre formas para contribuir com a solução.

3.3 Avaliação Sumativa

A avaliação sumativa tem o intuito de quantificar a aprendizagem ocorrida ao final de cada Unidade Didática, mostrando um quadro geral do desenvolvimento do aluno. Sendo uma avaliação global, não se esgota na quantificação, buscando compreender a aprendizagem nos domínios cognitivo, psicomotor e sócio afetivo dos alunos.

Nobre (2015) salienta que com a avaliação sumativa não se pretende uma melhoria imediata, mas valorar em definitivo, num dado momento, final, quando é necessário tomar uma decisão em algum sentido.

Os critérios para a avaliação sumativa foram definidos pelo grupo de educação física sendo destinado 60% da nota para o desempenho das atividades físicas e a aptidão física, 10% para os conhecimentos medidos em forma de um teste teórico e 30% para o desempenho atitudinal (Anexo 5).

A realização desta avaliação era feita geralmente em uma aula de 90 minutos, para que fosse possível realizar a parte prática e a teórica. Nas modalidades coletivas os alunos foram avaliados geralmente em exercícios analíticos e em situações de jogo adaptadas. Já nas modalidades individuais foram avaliados por elementos ou sequências na ginástica e realizando as provas no caso do atletismo. A aptidão física foi medida através da realização dos testes do *Fitescola* no 1º e no 3º períodos.

Para a realização desta avaliação o núcleo de estágio criou grelhas objetivas (Anexo 6) com os principais critérios a serem analisados, além dos testes teóricos. Para a definição final procuramos sempre dialogar com a professora orientadora, pois queríamos ser o mais justo possível na classificação dos alunos.

Ainda assim, percebemos algumas vezes que o resultado da avaliação sumativa não representava de fato o desempenho que o aluno havia demonstrado durante o período.

Também como parte da avaliação sumativa os alunos tiveram a oportunidade de realizar em todos os períodos uma autoavaliação (Anexo 7). Nesta autoavaliação refletiam sobre seu desenvolvimento motor nas modalidades trabalhadas, além de suas atitudes perante às regras e à convivência.

“A autoavaliação não se resume apenas a práticas de consulta final dos alunos e assume um duplo propósito educativo: além de permitir ao aluno regular o seu próprio processo de aprendizagem de acordo com critérios definidos, permite-lhe também realizar uma outra aprendizagem, a de avaliar durante o processo e a partir de parâmetros comuns conhecidos, o que constitui por si uma componente transversal da sua formação como indivíduo e cidadão.” Nobre (2015, p.72)

4. Coadjuvação no 2º Ciclo

Inserida nas tarefas do EP, a atuação em uma turma de um ciclo diferente ao que estávamos atuando, foi uma oportunidade de ampliar nossa vivência dentro do contexto escolar. Após verificarmos os horários das turmas e conversarmos com o professor titular, foi estabelecido que a coadjuvação aconteceria na turma do 5º ano B. Para aproveitar a experiência pré existente, foi combinado que seriam ministradas as aulas de dança.

As aulas foram ministradas durante o 2º período, em um total de 8 aulas, sendo 3 aulas de 90 minutos e 2 aulas de 45 minutos. Como em todas as unidades didáticas, realizamos o planeamento coordenando as informações do PNEF, as aprendizagens essenciais e os recursos disponíveis na escola.

Para a turma do 5º ano B, percebemos a necessidade de modificar alguns aspectos na comunicação com os alunos. Por exemplo, era preciso adaptar a linguagem, explicando o significado de alguns termos técnicos. Também percebemos uma grande disposição por parte dos alunos em fazer as aulas.

A experiência foi muito interessante e proporcionou momentos inusitados durante as aulas, como quando um aluno questionou se uma parte da aula poderia ser futebol já que dança era algo para meninas e futebol para meninos. Ficamos surpresos de uma criança ter esse tipo de referencial, porém foi uma bela oportunidade para discutirmos na turma sobre preconceitos.

Como as aulas de dança podem intimidar alguns alunos, nos preocupamos bastante em realizar tarefas onde todos ficassem à vontade e por diversas vezes também participamos das tarefas para tornar a exposição algo mais natural. A construção das aulas foi progressiva e sempre ao final os alunos tinham espaço para expressar suas impressões sobre as mesmas. A coadjuvação culminou com uma mostra de dança na própria aula de educação física, onde os alunos em grupo criaram coreografias seguindo alguns critérios estabelecidos.

A experiência com o 5º ano B foi tão boa, que o núcleo de estágio juntamente com os professores titulares das turmas de 5º ano decidiram ampliar a coadjuvação para as

outras turmas de 5º ano da escola, ou seja, para os 5º anos A, C, D e E. Devido à quantidade de turmas e à disponibilidade de horários só foi possível ministrar 6 aulas em cada uma dessas turmas.

Em todas as turmas realizamos a mostra de dança e pudemos observar claramente uma maior consciência corporal e entendimento dos elementos básicos da dança por parte dos alunos.

Essa experiência nos fez perceber como nossa atuação de se adaptar a cada contexto, ou seja, além de ter que se adaptar nas diferentes idades, também se fez necessário adaptações entre as turmas do mesmo ano. Podemos citar como exemplo a turma do 5º ano C, onde era preciso ter uma postura mais firme nas transições das tarefas para que não se dispersassem. No 5º ano A, podíamos estar mais tranquilos pois a turma em geral era mais focada. Já no 5º ano D, tivemos a possibilidade de explorar mais a fundo as tarefas propostas, pois muitos alunos já vivenciaram atividades de dança.

Concomitante a toda troca realizada com os alunos, também fomos beneficiados ao conviver com mais dois professores muito experientes e disponíveis a ajudar. Essa troca em muito enriqueceu nosso trabalho e o fato de estarmos em mais turmas possibilitou uma visão mais global do que é a atuação real no contexto escolar.

Sáimos assim desta experiência com nossa capacidade de adaptação muito ampliada.

5. Área 2 - Organização e Administração Escolar

Dentro do sistema educacional português, no que diz respeito aos professores, percebe-se que estes além de executarem sua função docente também têm a possibilidade de exercerem cargos na gestão das escolas. Estes cargos podem ser de gestão de topo (ex. diretor) ou intermédia (ex. coordenação, direção de turma, coordenação do desporto escolar), que permitem a ação conjugada com a docência.

Com o intuito de possibilitar que aos estagiários uma vivência mais completa no âmbito escolar, uma das tarefas requeridas no EP é o acompanhamento de um cargo de gestão executado por algum professor da escola que o estagiário atua.

Foi escolhida a realização de assessoria à professora Maria Helena Pinho, que leciona a disciplina de Inglês e que exerce a função de Diretora de Turma do 7º ano A. Além de ter sido uma excelente oportunidade para vivenciar a gestão escolar e compreender um cargo que requer imensa reponsabilidade e envolvimento do professor,

também foi uma oportunidade de aprofundar o conhecimento sobre a turma na qual realizamos a atuação como docente durante o estágio pedagógico.

O professor que ocupa o cargo de diretor de turma deve acompanhar o rendimento acadêmico e pessoal da sua turma, buscando sempre contribuir para o avanço dos alunos e a buscar soluções quando problemas são detectados. O diretor de turma também faz o elo entre os encarregados de educação e a escola, a coordenar as reuniões para encarregados de educação, assim como os conselhos de turma. Participa dos atendimentos que podem ser solicitados pelos encarregados de educação ou por algum professor da escola. Além dessas funções, o diretor de turma é responsável pela produção do plano anual de turma e pelo programa educativo individual.

Tivemos a oportunidade de acompanhar diversos atendimentos à encarregados de educação e percebemos o quanto é preciso que estar disponível para atuar de forma efetiva e próxima aos alunos.

Visto que a responsabilidade deste cargo é enorme e sua atuação pode contribuir efetivamente no bom desempenho e na boa relação na turma, consideramos de grande valia o acompanhamento à professora Maria Helena Pinho, que teve uma postura exemplar ao exercer suas funções.

6. Área 3 - Projetos e Parcerias

O universo escolar nos proporcionou diversas experiências além da sala de aula, no intuito de contribuir para uma formação docente mais global. É comum que as escolas realizem eventos durante o ano letivo e também comum ver professores de educação física à frente da organização dos mesmos.

Para desenvolver nossa capacidade de gestão e organização fomos encarregados de organizar um torneio de basquete 3X3 e o Passo em Frente, evento voltado para os alunos do 4º ano (e seus encarregados de educação caso queiram) das escolas do agrupamento com o intuito de conhecerem nossa escola e a considerarem como opção para o seguinte ano letivo.

O torneio de basquete 3X3 aconteceu na última semana do 2º período e contou com a participação de cerca de 200 alunos do 2º e 3º ciclos do Ensino Básico que estudavam nas escolas do agrupamento. A organização do torneio foi realizada com a ajuda da professora orientadora Lurdes Pereira e teve a colaboração dos demais professores do grupo de educação física. Foi um projeto trabalhoso, devido aos inúmeros detalhes a serem

cuidados, porém nos sentimos extremamente satisfeitos ao ver os resultados. Tivemos alguns atletas de basquetebol que colaboraram participando da arbitragem e encontramos soluções para os imprevistos que se apresentaram, como por exemplo, quando faltou árbitro para um campo, solicitamos a um aluno mais velho com experiência no basquetebol que realizasse a arbitragem. Isto tornou a experiência ainda mais rica e aumentou a interação entre os alunos.

O Projeto Passo em Frente teve como objetivo criar atividades motivadoras para que alunos que estão a finalizar o 1º Ciclo e seus encarregados de educação conheçam a estrutura e o funcionamento da escola, enquanto participam de uma atividade lúdica desportiva. Organizamos um caça ao tesouro que passava pelos espaços da escola e por vezes os participantes precisavam cumprir tarefas. Um dos pontos mais interessantes do projeto foi o fato de que alguns alunos de turmas da escola visitada foram solicitados para compor as equipas com as crianças e ajudar durante a atividade. Isto desenvolveu autonomia, responsabilidade e empatia nos alunos, sendo estes valores de extrema importância na formação integral do ser, a ampliar assim o alcance do evento.

Para além das atividades que organizamos, também contribuímos com eventos do desporto escolar, seja na arbitragem, no registro de dados ou na logística. Dentre eles podemos citar o corta matos, o mega sprint e torneios de ténis.

Participar deste eventos seja na organização ou na colaboração foi muito positivo para ampliar nosso olhar em relação à atuação do professor de educação física no contexto escolar e perceber que existem várias oportunidades de contribuir para uma educação mais efetiva e de maior qualidade.

7. Área 4 - Atitude Ético-profissional

“A ética profissional constitui uma dimensão paralela à dimensão intervenção pedagógica e tem uma importância fundamental no desenvolvimento do agir profissional do futuro professor. A ética e o profissionalismo docente são os pilares desse agir.” (Ribeiro-Silva, et al.,2018,p.51)

Este agir é guiado por quem somos e pelos valores que carregamos. A maneira de se relacionar com as pessoas, de se apresentar e de se envolver em todo o processo de ensino aprendizagem demonstram além do profissional que somos. Entendemos que fizemos parte de uma comunidade durante este ano e priorizamos sempre o respeito à

todos, o compromisso com nossa formação e preparação das aulas contribuindo assim para a aprendizagem dos alunos e o envolvimento com as atividades da comunidade escolar.

Nosso maior objetivo foi que através de relações positivas pudéssemos contribuir com a formação dos jovens não só nas aprendizagens motoras mas também como cidadãos.

Para alcançar este objetivo mantivemos uma atitude profissional, sempre atentos aos horários das atividades, preparando o que fosse necessário com antecedência e observando atentamente cada aluno e suas necessidades. Também participamos de diversas formações práticas e teóricas, aproveitando essas oportunidades de troca para questionar e consolidar saberes (Anexos 8 e 9).

CAPÍTULO III – APROFUNDAMENTO DO TEMA-PROBLEMA

Proposta de Abordagem Metodológica da Dança no 2º Ciclo do Ensino Básico

Resumo: O presente artigo é uma pesquisa documental que tem como objetivo apresentar uma proposta metodológica para o ensino da dança, no âmbito da disciplina Educação Física no 2ºCEB. A busca considerou periódicos e livros de autores conceituados neste tema, além dos documentos oficiais que regem o sistema educativo português. A pesquisa aponta informações cruciais sobre a dança em contexto escolar. Após análise dos dados apresenta uma proposta de atuação que visa facilitar a atuação docente face a esta matéria nuclear. Com base no ensino através das ações motoras e à criação de um ambiente positivo de aprendizagem procuramos desenvolver integralmente os alunos através de vivências corporais significativas.

Palavras chaves: Educação Física. Dança. Atividades rítmicas-expressivas. Ensino.

Abstract: The present paper is a document research with the objective to present a methodology proposal to teach dancing, in the scope of the physical education class at 2CEB. The search considered papers and books of reputable authors, besides official document that conduct the Portuguese educative system. The research points out crucial information to facilitate this content for the teacher. Based on teaching through motor actions and creating a positive learning environment we seek to fully evolve the student through corporal significant experiences.

Keywords: *Physical Education. Dance. Expressive rhythmic activities. Teaching.*

Introdução

A Dança é quase tão antiga quanto o ser humano, e desde os primórdios evoluiu e desenvolveu-se dentro das culturas, de forma a adquirir cada vez mais um caráter globalizado no sentido de sua produção e reflexão.

Nanni (1995, p.8) relata que “Desde os tempos imemoráveis, a dança como atividade humana é forma de manifestação, a primeira, também como comunhão mística do homem com a natureza e com os Deuses”

A dança se transformou juntamente com a humanidade, sofrendo influências das transformações dos valores sociais. Desde de danças sagradas, à dança na corte, clássicas, modernas, de rua, a dança está presente como símbolo nas mais variadas culturas.

Ensinar dança na escola é de grande importância para o desenvolvimento motor, social e expressivo dos alunos. A dança é uma ferramenta que transpõe barreiras na relação dos alunos com os seus próprios corpos, com o corpo do outro e fomenta a autonomia, criatividade e segurança dos mesmos se for trabalhada de forma a que estes possam explorar, compreender e (re)criar.

Este estudo tem como objetivo apresentar uma proposta metodológica de ensino da dança, como matéria nuclear da disciplina Educação Física, mais especificamente no 2ºCEB.

Apresenta-se assim uma proposta metodológica que enxerga a dança como algo além da imitação de coreografias e entende que o seu papel dentro da escola ultrapassa em muito a sua utilização nas festas comemorativas, podendo ser vetor de desenvolvimento motor, autoconhecimento, autonomia, auto superação, entre outros, contribuindo assim

para a formação integral de nossos alunos e para a construção de relações saudáveis dentro da sociedade através de vivências corporais com valor formativo.

Metodologia

Para esse estudo recorreu-se a uma estratégia qualitativa, apresentada por Minayo (1995, p.22-23) da seguinte forma:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa nas ciências sociais, com o nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, motivos, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variável.

Este estudo também se enquadra como pesquisa documental. De acordo com Appolinário (2009, p. 85), sempre que uma pesquisa se serve apenas de fontes documentais (livros, revistas, documentos legais, arquivos em mídia eletrônica), diz-se que a pesquisa possui estratégia documental.

As buscas para esta pesquisa ocorreram em portais como CAPES, SCIELO, RCAAP, DART, com o intervalo temporal de 2000 à 2019. Os descritores foram: DANÇA, EDUCAÇÃO, EDUCAÇÃO FÍSICA, METODOLOGIA DE ENSINO, ATIVIDADES RÍTMICAS-EXPRESSIVAS.

Numa segunda etapa, houve coleta de informações em livros de autores renomados na área, no intervalo temporal de 1990 à 2019. Também foram realizadas busca manuais de artigos e materiais relacionados ao tema utilizando o nome de autores consolidados, além da análise das leis que regem o sistema educacional português.

Após essa busca e análise dos materiais, foi feita uma contextualização da dança na escola e apresentada uma proposta metodológica para o ensino da mesma no 2ºCEB no sistema de ensino português.

Além dos documentos oficiais e diversos autores referenciais em arte educação, a proposta metodológica também tem presente o nexos com os quatro pilares da educação para o século XXI, propostos pela Unesco, sendo estes: Aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

Referenciais Teóricos

Dentro do Sistema de Ensino Português, o ensino da dança está presente em todos os ciclos, o que corrobora sua importância. No 1º ciclo é apresentada como matéria no

bloco das Atividades Rítmicas e Expressivas. Já nos 2º, 3º ciclos e Ensino Secundário a dança é matéria nuclear dos Programas Nacionais de Educação Física. No 3º ciclo também há a possibilidade de aulas de dança como opção dentro das linguagens artísticas oferecida pela escola. Além deste enquadramento, também há a vertente da dança enquanto curso no ensino artístico especializado, que resulta em regime integrado, em Conservatórios, ou em regime articulado com escolas de Dança de ensino particular e cooperativo.

O Programa Nacional de Educação Física (PNEF), no tópico das Atividades Rítmicas e Expressivas para os 5º e 6º anos, sugere que os alunos desenvolvam competências de nível elementar, de tal forma que terminem o 2º ciclo sendo capazes de criar pequenas coreografias, individualmente e em grupo, coordenando deslocamentos, saltos, voltas, equilíbrios e gestos de forma fluída e expressiva dentro de diferentes ritmos.

Já as Aprendizagens Essenciais – Ensino Básico (AE), homologadas pelo Despacho nº 6944-A/2018 de 19 de julho, apontam que para atingir um sucesso mínimo, os alunos do 2º ciclo devem desenvolver as competências essenciais de nível introdução em três e quatro matérias, nos 5º e 6º anos respectivamente. No âmbito da subárea das Atividades Rítmicas Expressivas apresenta como critério para sucesso dos alunos a interpretação de habilidades e técnicas elementares através de coreografias individuais ou de grupo, a aplicar os critérios de expressividade considerados de acordo com os motivos das composições.

Com estas referências, compreende-se que as aprendizagens essenciais estabelecem um patamar mínimo para o sucesso dos alunos, mas podemos, aliás, devemos ir além disso explorando o horizonte traçado pelo PNEF.

“O ensino da Dança deve visar a interação dos aspectos motor, cognitivo, afectivo e social do aluno, sendo o processo de aprendizagem, tão ou mais importante que o produto eventualmente a exibir em uma audiência.” (Batalha, 2004 p.23)

Eisner, *apud* Barbosa (2002), refere que a arte educação é um princípio pedagógico que desenvolve formas subtis de pensar, diferenciar, comparar, generalizar, interpretar, conceber possibilidades, construir, formular hipóteses e decifrar metáforas.

Ana Mae Barbosa apresenta-nos a abordagem triangular como uma base para o ensino de arte educação.

A Abordagem Triangular se referiu à melhoria do ensino de arte, tendo por base um trabalho pedagógico integrador, em que o fazer artístico, a análise ou leitura de imagens (compreendendo o campo de sentido da arte) e a contextualização interagem ao desenvolvimento crítico, reflexivo e dialógico do estudante em uma dinâmica contextual sociocultural.’ (Silva, 2016)

Aplicando este princípio ao ensino da dança, podemos compreender esta abordagem como: Ver dança, Fazer dança e Contextualizar a dança.

Ao se falar sobre metodologia da dança, é preciso falar sobre Rudolf Laban, bailarino e coreógrafo, foi um grande estudioso do movimento humano e referência nesse campo do conhecimento.

Rudolf Laban foi um grande pedagogo da Dança que, com base na análise do movimento, realçou as unidades estruturais de cada componente da Dança, de modo a possibilitar o ensino aprendizagem desses mesmos elementos. Para além da identificação dessas unidades estruturais, promoveu o domínio de *skills* e a criatividade a partir deles, estimulando a improvisação e a composição como se as unidades estruturais da Dança fossem peças de um *puzzle*. O seu método apontava para que cada aula de Dança tivesse uma temática – corpo ou materiais (Espaço, Tempo e Dinâmica). (Batalha, 2004. p.43)

A Dança no 2º CEB

De acordo com as concepções de Batalha (2004) em seu livro *Metodologia do Ensino da Dança*, preconiza que a dança se destaca de outras atividades motoras por despertar e provocar o imaginário através dos seus desempenhos motores.

A Dança ao serviço da educação, define-se por este dinamismo, pela necessidade interior de explorar as profundezas do ser humano e pela força interior que permite transbordar as energias criadoras. O gesto coreográfico reflete a espontaneidade interior e as reflexões da vida real, reflete inclusive a vida orgânica e as forças sócio-culturais remanescentes, deslizando pelos trajetos do imaginário. (Batalha, 2004, p.245)

Para a elaboração de uma proposta metodológica de ensino é fundamental ter em mente quem vai aprender, o valor formativo do que será ensinado, onde se quer chegar e como chegar, quais os recursos necessários para tal e como avaliar o processo e os resultados.

Quando nos dirigimos ao 2º Círculo do Ensino Básico, estamos falando de jovens entre 10 e 12 anos, em sua maioria. Jovens que estão em um processo de transição física e psicológica, portanto que devem receber um olhar cuidadoso e individualizado por parte do professor.

De acordo com Gallahue et al. (2012), a maioria das crianças e jovens entre 8 e 12 anos, estão no estágio de transição entre o desenvolvimento das habilidades do movimento fundamental e o desenvolvimento das habilidades de movimento especializado. Este estágio é caracterizado pelas primeiras tentativas do indivíduo de refinar e combinar habilidades de movimento proficientes.

As diferenças físicas entre rapazes e raparigas aumentam nessa fase, porém é

necessário fugir dos estereótipos de gênero ainda enraizados em nossa sociedade em relação às atividades físicas.

Gallahue et al. (2012) colocam que “As diferenças físicas entre homens e mulheres são apenas isso – diferenças, e nada mais. Atribuir “ *superioridade*” ou “ *inferioridade*” a um ou outro sexo com base em diferenças biológicas é absurdo.”

A pedagoga e autora Rebeca Wild coloca a necessidade de darmos espaço para a participação ativa dos alunos no processo de ensino aprendizagem, respeitando as individualidades que despertam nesta fase da vida e criando vínculos através da empatia e não do autoritarismo e enfatiza a urgência de mudanças neste processo.

No lugar de um crescimento humano favorecido por relações de amor e respeito entre as gerações, o processo educativo (muitas vezes) se parece mais com o cuidado de bonsais, as árvores que se vão cultivando com a ideia de que serão mais bonitos se podarem seus novos galhos. (Wild 2016 p. 56)

Durante as aulas de dança os alunos são convidados a se expressarem e podem considerar estes momentos difíceis ou de grande exposição, optando por vezes, a apresentar atitudes fora da tarefa ao invés de se permitir experimentar a proposta apresentada. É preciso estabelecer vínculos positivos para que tenham segurança em se manifestar. De acordo com Fonseca (2016), só num clima de segurança afetiva o cérebro humano funciona perfeitamente, só assim as emoções abrem caminho às cognições. Logo, um clima positivo é essencial para que os alunos se sintam à vontade ao realizar as tarefas e não tenham medo da exposição requerida pelas mesmas.

Além do olhar cuidadoso do professor e da criação de um clima positivo, também é importante que a escola propicie um ambiente adequado para o desenvolvimento das atividades propostas. Ter uma sala com espaço suficiente para os alunos se expressarem corporalmente, com aparelhagem de som e um piso adequado, que não represente risco à integridade física dos alunos também aparecem como fatores que podem ser cruciais no sucesso do trabalho em dança.

Cabe assim ao professor a criação, a gestão, o planejamento e gestão do envolvimento social da sala de aula (ou do ecossistema pedagógico) para que se criem condições emocionais e afetivas ótimas para que a aprendizagem, como ato cognitivo construído e co-construído, aconteça efetivamente. (Fonseca, 2016)

Proposta

Segundo Siedentop (1991, p. 239),

La conception bienfaits attendus d’un programme exerce une influence primordiale sur son développement; par contre, il importe que les expériences proposées soient équitables pour

tous les élèves. (...) Les éducateurs professionnels ont une responsabilité à l'égard de cette importante question d'éthique et doivent élaborer des programmes qui satisfont les besoins des différents types d'apprenants, spécialement de ceux qui n'ont pas été très bien traités traditionnellement.¹

Reforçamos assim a ideia central de que todos os alunos devem ter iguais oportunidades para evoluir, o que muitas vezes pode significar que em uma mesma turma tenhamos formas diferentes de executar uma tarefa ou até mesmo tarefas distintas para cada grupo.

Diante desse cenário fulcral para o desenvolvimento do trabalho, esta proposta traz, mais do que um guia, uma possibilidade de reflexão da prática docente face ao conteúdo da dança e estimula o encontro de possibilidades de adequação das tarefas às diversas necessidades apresentadas pelos alunos, podendo ter grupos de diferentes níveis nas aulas ou simplesmente uma avaliação diferenciada no quesito qualidade de movimento para os diferentes níveis de prestações.

A estruturação desta proposta foi inspirada no Modelo de Alinhamento Curricular em Educação Física), apresentado pelo professor Paulo Nobre e pelo aluno Ricardo Gama no VIII Fórum Internacional das Ciências da Educação Física (FICEF) em maio de 2019. De forma simplificada, este modelo preconiza uma estruturação mais objetiva dos planejamentos, começando pela definição das aprendizagens que se pretendem relacionadas às competências do perfil dos alunos, estabelece em seguida quais evidências serão recolhidas nas avaliações, para então estabelecer através de quais conteúdos estas aprendizagens serão facilitadas.

Avaliação Formativa Inicial

Considerando que o planejamento se torna mais real após o conhecimento da turma, sugere-se então iniciar a intervenção com uma avaliação formativa inicial da turma.

Esta pode ser feita primeiramente ouvindo as experiências de dança vividas pelos alunos e depois com algumas experimentações no espaço. Por exemplo, podemos pedir que se movimentem em diferentes ritmos, que podem ser marcados por músicas, instrumentos ou sons feitos pelo corpo ou por outro interveniente (pode ser o professor ou

¹ Fazer boas concepções de um programa exerce uma influência primordial sobre seu desenvolvimento, por outro lado, é muito importante que as experiências propostas sejam equitativas para todos os alunos. Os educadores profissionais têm uma responsabilidade em relação à essa importante questão de ética e devem elaborar programas que satisfaçam as necessidades dos diferentes tipos de aprendizes, especialmente daqueles que não são bem tratados habitualmente.

outro aluno). Podemos observar se o aluno consegue movimentar-se em diferentes ritmos, como ocupa o espaço (varia os níveis nos seus movimentos, respeita o espaço pessoal do outro, coloca-se harmonicamente no espaço global ou se coloca extremamente próximo/longe dos outros), como é a sua intenção nos movimentos (realiza movimentos fluidos, quebrados, alternados), utiliza diferentes articulações para realizar os movimentos ou mantém-se em movimentos mais básicos, realiza os movimentos com expressividade ou apenas executa uma sequência motora, como coordena seus movimentos com os movimentos dos outros.

Podemos concentrar esses elementos em parâmetros claros e simples de se observar (Quadros 1 e 2).

Avaliação Formativa Inicial 5º Ano – Pré introdutório
- O aluno se desloca acompanhando diferentes ritmos musicais.
- O aluno se expressa com controle corporal.
- O aluno se movimenta por todo o espaço disponível, explorando os níveis.

Quadro 1 - Avaliação Formativa Inicial 5º Ano – Pré introdutório

Avaliação Formativa Inicial 6º Ano – Introdutório
- O aluno se desloca e realiza gestos acompanhando diferentes ritmos musicais.
- O aluno se expressa com controle corporal e coordenação entre os membros, em todos os níveis do espaço.
- O aluno interage de forma coordenada com os demais.

Quadro 2 - Avaliação Formativa Inicial 6º Ano – Introdutório

Objetivos

Para que os alunos cheguem ao final do 5º ano interpretando pequenas coreografias através de habilidades específicas elementares e expressividade de acordo com os motivos desenvolvidos e tenham essas competências consolidadas no 6º ano, como preconizado pelas AE, é necessário definir claramente quais os elementos essenciais a se alcançar, quais evidências podem demonstrar que foram alcançados e refletir sobre como começam as construções dos primeiros movimentos.

Para o 5º Ano foram estabelecidos objetivos pré introdutórios e para o fim do 6º Ano introdutórios, para que haja uma progressão durante o 2ºCEB. Estes objetivos foram definidos a partir de competências indicadas pelos documentos oficiais do currículo de Portugal e se referem ao sucesso mínimo dos alunos, podendo ser ampliados de acordo com cada turma (Quadros 3 e 4).

Objetivos 5º Ano – Pré introdutório	Áreas de Competências do Perfil dos Alunos
- O aluno combina o andar, correr, voltas, saltos, equilíbrios e gestos em todas as direções e sentidos, variando os apoios na impulsão e na recepção;	A- Linguagens e textos B- Informação e comunicação C- Raciocínio e resolução de problemas D- Pensamento Crítico e pensamento criativo F- Desenvolvimento pessoal e autonomia G- Bem-estar, saúde e ambiente H- Sensibilidade estética e artística I- Saber científico, técnico e tecnológico J- Consciência e domínio do corpo
- combina as habilidades acima referidas seguindo a evolução do grupo em linhas retas e curvas;	A- Linguagens e textos B- Informação e comunicação C- Raciocínio e resolução de problemas D- Pensamento Crítico e pensamento criativo E- Relacionamento interpessoal F- Desenvolvimento pessoal e autonomia G- Bem-estar, saúde e ambiente H- Sensibilidade estética e artística I- Saber científico, técnico e tecnológico J- Consciência e domínio do corpo
- acentua determinadas características musicais com ações marcadas;	B- Informação e comunicação C- Raciocínio e resolução de problemas F- Desenvolvimento pessoal e autonomia H- Sensibilidade estética e artística

	J- Consciência e domínio do corpo
- em pares, conduz e facilita a condução do movimento, esperando pelo parceiro se necessário;	B- Informação e comunicação C- Raciocínio e resolução de problemas E- Relacionamento interpessoal F- Desenvolvimento pessoal e autonomia J- Consciência e domínio do corpo
- segue a movimentação do companheiro realizando as mesmas ações e ações inversas;	B- Informação e comunicação C- Raciocínio e resolução de problemas E- Relacionamento interpessoal J- Consciência e domínio do corpo
- realiza frases de movimentos dadas pelo professor em sintonia com a música;	B- Informação e comunicação H- Sensibilidade estética e artística J- Consciência e domínio do corpo
- cria frases de 16 movimentos (individualmente e/ou em grupo) realizados dentro de um ritmo simples marcado, explorando os três níveis do espaço, com deslocamentos, saltos, giros, gestos e expressividade.	A- Linguagens e textos B- Informação e comunicação C- Raciocínio e resolução de problemas D- Pensamento Crítico e pensamento criativo E- Relacionamento interpessoal F- Desenvolvimento pessoal e autonomia G- Bem-estar, saúde e ambiente H- Sensibilidade estética e artística J- Consciência e domínio do corpo

Quadro 3 – Objetivos das Competências a adquirir no Ensino da Dança no 5º ano de escolaridade

Objetivos 6º Ano – Introdutório	Áreas de Competências do Perfil dos Alunos
- O aluno combina o andar, correr, voltas simples, sobre dois e um pé à direita e à esquerda, saltos e equilíbrios em todas as direções e sentidos, variando os apoios na impulsão e na recepção.	A- Linguagens e textos B- Informação e comunicação C- Raciocínio e resolução de problemas D- Pensamento Crítico e pensamento criativo F- Desenvolvimento pessoal e autonomia G- Bem-estar, saúde e ambiente H- Sensibilidade estética e artística

	I- Saber científico, técnico e tecnológico J- Consciência e domínio do corpo
- combina as habilidades acima referidas seguindo a evolução do grupo em linhas retas, curvas e quebradas.	A- Linguagens e textos B- Informação e comunicação C- Raciocínio e resolução de problemas D- Pensamento Crítico e pensamento criativo E- Relacionamento interpessoal F- Desenvolvimento pessoal e autonomia G- Bem-estar, saúde e ambiente H- Sensibilidade estética e artística I- Saber científico, técnico e tecnológico J- Consciência e domínio do corpo
- acentua determinadas características musicais com ações marcadas, com fluidez de movimentos.	B- Informação e comunicação C- Raciocínio e resolução de problemas F- Desenvolvimento pessoal e autonomia H- Sensibilidade estética e artística J- Consciência e domínio do corpo
- em pares, conduz e facilita a condução do movimento, esperando pelo parceiro se necessário.	B- Informação e comunicação C- Raciocínio e resolução de problemas E- Relacionamento interpessoal F- Desenvolvimento pessoal e autonomia J- Consciência e domínio do corpo
- segue a movimentação do companheiro realizando as mesmas ações e ações inversas.	B- Informação e comunicação C- Raciocínio e resolução de problemas E- Relacionamento interpessoal J- Consciência e domínio do corpo
- realiza frases de movimentos dadas pelo professor em sintonia com a música e com qualidade de movimento.	B- Informação e comunicação H- Sensibilidade estética e artística J- Consciência e domínio do corpo
- cria pequenas coreografias (individualmente e/ou em grupo), realizadas dentro de um ritmo marcado, explorando os três níveis do espaço, com deslocamentos, saltos, giros, gestos, expressividade e fluidez.	A- Linguagens e textos B- Informação e comunicação C- Raciocínio e resolução de problemas D- Pensamento Crítico e pensamento criativo

	E- Relacionamento interpessoal F- Desenvolvimento pessoal e autonomia G- Bem-estar, saúde e ambiente H- Sensibilidade estética e artística J- Consciência e domínio do corpo
--	--

Quadro 4 – Objetivos das Competências a adquirir no Ensino da Dança no 6º ano de escolaridade

Avaliação

Com os objetivos para cada ano definidos, ocorre a definição dos parâmetros que serão considerados para a avaliação da aquisição das competências.

Em termos de avaliação é importante que haja uma quebra de paradigma, já que professores de Educação Física estão acostumados a avaliar o desempenho dos alunos em habilidades motoras com técnicas específicas e componentes críticas bem definidas. Ao se pensar em uma avaliação em dança, precisamos entender que esta perpassa por elementos técnicos porém se dá concretamente sobre a possibilidade de experimentação dos alunos. É preciso enxergar os movimentos não apenas por uma técnica específica, mas sim pela entrega do indivíduo e a pesquisa corporal realizada. Logo, a avaliação não deve se limitar à análise de uma sequência ou coreografia criada pelos alunos, e sim considerar todo o processo percorrido pelos mesmos. Em simultâneo, a avaliação deve ser também criterial e tão objetiva quanto possível. Para que atinja seu objetivo, a avaliação deve ter a participação dos alunos, agentes ativos em todo o processo e deve levar em conta suas reflexões e auto críticas.

“O entendimento do conhecimento como uma totalidade complexa e dinâmica a ser aprendida na escola, deve ser favorecido pela produção de um saber e a implementação de um processo avaliativo, vinculados à perspectiva crítica da educação, de tal forma que se promova a participação do aluno em contextos em que o professor atue na qualidade de mediador, provocando desafios, reflexões e diálogo permanentes.” (Muñoz et al., 1998)

Para a avaliação formativa contínua, recomenda-se que além das observações feitas pelo professor, também haja um hábito regular de anotar as reflexões sobre a aula e as prestações dos alunos. Também é importante que estes registros considerem o que foi expressado pelos mesmos e a forma como a turma incorporou a aprendizagem em cada aula.

Para a avaliação sumativa sugere-se a definição de critérios claros e observáveis, que permitam compreender em que ponto as competências propostas foram desenvolvidas.

Segue uma sugestão de grelha avaliativa para cada ano do 2º CEB, de acordo com os objetivos já aqui expostos (Quadros 5 e 6).

5º Ano – Nível pré Introdutório - Que evidências vamos recolher?
<p>Domínio Cognitivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O aluno compreende o conceito dos elementos básicos da dança
<p>Domínio Motor:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O aluno desloca-se e realiza voltas, saltos, equilíbrios e gestos acompanhando diferentes ritmos. - O aluno desloca-se e realiza voltas, saltos, equilíbrios e gestos explorando diferentes trajetórias e níveis do espaço. - O aluno desloca-se e realiza voltas, saltos, equilíbrios e gestos explorando diferentes possibilidades corporais. - O aluno combina diferentes elementos básicos e os apresenta com expressividade.
<p>Domínio Sócio Afetivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O aluno participa ativamente das propostas. - O aluno contribui para o trabalho em grupo, participando das tarefas propostas com motivação e respeito aos outros.

Quadro 5 – Evidências a serem observadas no 5º ano de escolaridade

6º Ano – Nível introdutório - Que evidências vamos recolher?
<p>Domínio Cognitivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O aluno compreende o conceito dos elementos básicos da dança
<p>Domínio Motor:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O aluno desloca-se e realiza com fluidez voltas, saltos, equilíbrios e gestos acompanhando diferentes ritmos, reconhecendo as diferentes dinâmicas do tempo. - O aluno se desloca e realiza com fluidez voltas, saltos, equilíbrios e gestos reconhecendo as diferentes dinâmicas do espaço. - O aluno se desloca e realiza com fluidez voltas, saltos, equilíbrios e gestos explorando diferentes possibilidades corporais. - O aluno combina diversos elementos básicos com fluidez e os apresenta com expressividade facial e corporal.

Domínio Sócio Afetivo:

- O aluno participa ativamente das propostas.
- O aluno contribui para o trabalho em grupo, participando das tarefas propostas com motivação e respeito aos outros.
- O aluno facilita a condução de movimento feita pelo outro e conduz os seus pares de forma autônoma, assim como coordena seus movimentos ao movimento dos outros.

Quadro 6 – Evidências a serem observadas no 6º ano de escolaridade

Competências

Tendo claro onde queremos chegar, entramos na reflexão acerca do como chegar, ou seja, da seleção das competências, identificando o que é importante ser ensinado e também qual a melhor progressão pedagógica para os mesmos. A escolha das competências sugeridas nesta proposta tem como base os documentos oficiais, as publicações sobre dança na escola que foram pesquisadas e as vivências realizadas dentro do ensino formal (Quadro 7).

5º Ano:	6º Ano:
-Deslocamentos	-Deslocamentos
-Voltas	-Voltas (1 e 2 apoios para a direita e para a esquerda)
-Saltos (2 apoios para 2, 2 para 1, 1 para 1 e 1 para 2)	-Saltos (2 apoios para 2, 2 para 1, 1 para 1 e 1 para 2)
-Gestos	-Gestos
-Equilíbrios	-Equilíbrios
-Ritmos simples (binário, ternário e quaternário)	-Ritmos simples (binário, ternário e quaternário) e contratempos
-Níveis do espaço	-Níveis do espaço
-Espaço pessoal e global	-Espaço pessoal e global
-Movimentos quebrados e fluidos	-Figuras no espaço
-Condução, acompanhamento e imitação	-Condução, acompanhamento e imitação
-Expressões	-Sincronia nos movimentos
-Criação	-Expressões
	-Criação

Quadro 7 – Competências as serem desenvolvidas no 2ºCEB

Para facilitar este desenvolvimento propõe-se uma sequência pedagógica, desenvolvida com referências da metodologia de Laban (1990), Xarez (1992), Batalha (2004), Marques(2011) e Barbosa(2014), considerando as colocações de Fonseca(2016) e a experiência prática vivenciada no sistema de ensino português. Esta proposta se

apresenta tendo uma parte de introdução à matéria, eixos base para o desenvolvimento da mesma e a finalização do programa.

Fase Introdutória

Na parte da introdução temos os temas história da dança, ritmo e elementos da dança, e dentro da proposta, é onde além de realizar a avaliação formativa inicial acontece a apresentação das bases para o desenvolvimento do programa.

Esta introdução da matéria é inspirada na metodologia de ensino da dança com base nas ações motoras, trazida pelo professor Luís Xarez (1998). Enriquecida a partir do trabalho de Laban (1990) e seus colaboradores, ele a define da seguinte forma:

Baseia-se numa concepção de dança centrada no *movimento* e na convicção de que existe um conjunto de ações motoras, observáveis e comuns a todas as formas de dança: um *nível de base*, que se especifica depois em skills e movimentos próprios das diferentes formas de dança, e que servem de elementos estruturantes de frases, de seqüências, de composições, de danças. (Xarez, 1998)

As ações motoras apresentadas na proposta de Xarez (1998) são: Posturas, Equilíbrios, Saltos, Voltas, Deslocamentos, Passos, Gestos, Quedas e Contatos.

Para um melhor entendimento do significado de cada um dos pontos sugeridos, estes serão explicados a seguir:

- História da Dança:

Apresentar aos alunos a evolução da dança, criação de técnicas específicas, algumas curiosidades e apresentação de materiais (fotos, vídeos, livros, sapatilhas, figurinos...). Conhecer as vivências que os alunos trazem em dança, para que a partir das mesmas a turma possa construir sua história com a dança. Entender quais estilos eles mais identificam-se e aproveitar o interesse deles para compor as aulas.

- Ritmo:

O ritmo faz parte de tudo que existe no universo; é um impulso, o estímulo que caracteriza a vida. Ele se faz presente na natureza, na vida humana, animal e vegetal, nas funções orgânicas do homem, em suas manifestações corporais, na expressão interior exteriorizada pelo gesto, no movimento qualquer que seja ele. (Verderi, 2009)

Tendo em mente que a dança é sempre regida por algum ritmo, que pode ser musical ou não, proporcionar experiências rítmicas com diferentes músicas, batidas, sons e

até no silêncio seguindo o ritmo corporal individual possibilita o desenvolvimento da conexão dos alunos e seus movimentos com os ritmos apresentados.

-Elementos da dança:

Definir para os alunos os conceitos e possibilitar a experimentação de deslocamentos, voltas, giros, gestos e equilíbrios.

A ideia é que estes elementos sejam apresentados e experimentados de forma simples, por exemplo: os alunos fazem deslocamentos ritmados, mudando a direção a cada 8 ou 4 tempos da música, mas não é importante neste momento a percepção de como está o tônus ou quais as articulações que estão sendo usadas. Há apenas o entendimento do que é um deslocamento e a realização do mesmo, mas sem o aprofundamento na qualidade do movimento e em sua relação reflexiva com o espaço e os outros.

Fase do desenvolvimento

A fase do desenvolvimento do programa ocorre em torno de três eixos:

1. O meu corpo:

Relembrar o conceito de articulações e experimentar possibilidades de movimento das mesmas, explorando movimentos diferentes dos habituais. Pode-se usar esqueletos ou materiais representativos das formas do corpo. Experimentar possibilidades corporais relacionadas aos elementos. Por exemplo, realizar gestos utilizando diferentes articulações.



Figura 3 – Elementos da dança relacionados ao eixo o meu corpo

2. O meu corpo no Espaço:

Exploração do espaço, nos seus níveis e direções, através dos elementos já trabalhados e dentro de diferentes ritmos. Reconhecimento do espaço pessoal e global, sabendo ocupar seu espaço e respeitando o espaço do outro. Relacionar a percepção do espaço com os elementos, por exemplo realizando deslocamentos ritmados para formar uma figura em grupo.



Figura 4 – Elementos da dança relacionados ao eixo o meu corpo no espaço

3. O meu corpo e o corpo do outro:

Conduzir e ser conduzido por outra pessoa, respeitando e estimulando a exploração de novas possibilidades. Imitar movimentos do outro com a mesma qualidade. Realizar e permitir o toque como elemento gerador de movimento. É preciso respeitar os alunos que demonstrem incômodo com o toque. Pode-se começar com atividades simples em que um aluno toca suavemente com a ponta do dedo em algum ponto do colega, que deve movimentar a parte do corpo que foi tocada. A atenção em relação à forma como o toque acontece é crucial, pois ultrapassa a matéria trazendo também aprendizagens sobre respeito ao corpo e consentimento para tocar e ser tocado.



Figura 5 – Elementos da dança relacionados ao eixo o meu corpo e o outro

Os eixos propostos são desenvolvidos em progressão, porém ao mudar de eixo não significa que o eixo anterior será abandonado, e sim, que será revisitado com novas propostas.

Fase Final

O programa é finalizado com a parte da criação e expressão, que pode ser desenvolvida individualmente, em grupo ou utilizando ambas as formas. Pode-se por exemplo juntar as criações de diferentes grupos para a realização de uma coreografia da turma.

O processo criativo demanda tempo e disponibilidade dos agentes envolvidos, e se for possível dentro da realidade da escola em que o programa está a ser aplicado, é interessante incluir elementos cênicos como objetos e adereços de figurino para o enriquecimento da produção.

Sugere-se a escolha de temas pertinentes à realidade em que estão inseridos, procurando sugestões dos alunos a respeito do que é relevante para os mesmos e para a comunidade, possibilitando a expressão de sentimentos distintos. Pode ainda estar inserido das propostas temáticas do Projeto de Turma definido pelo Conselho de turma no início do ano letivo, ou numa temática definida pelo grupo disciplinar de Educação Física, pela Escola ou até mesmo pelo município.

Reflexões acerca da proposta metodológica

Durante a proposta temos claramente dois momentos distintos. Uma primeira fase onde ocorre a estruturação dos conteúdos, explicando seus conceitos e possibilitando pequenas vivências em relação aos mesmos, e há uma segunda dimensão onde o aluno é agente ativo e reflexivo no processo, explorando e percebendo sua qualidade e suas possibilidades de movimento. Desta forma pode-se perceber facilmente as três bases da abordagem triangular. O Ver dança está presente através de vídeos levados para a aula, caso a escola possua os recursos necessários para tal, através da observação do que é produzido em sala, ou, até mesmo em idas ao teatro ou outro espaço para assistir um espetáculo. O Fazer dança deve estar presente em todas as aulas, visto que a partir da experiência corpórea a aprendizagem ocorre de forma mais eficaz e significativa. E o Contextualizar a dança surge através dos processos de conhecimento da história da dança e de criação através de temas geradores que digam respeito à comunidade em que os agentes estão inseridos.

Pensando em cada um desses elementos supracitados, o professor pode organizar as atividades adaptadas à realidade das suas turmas, aumentando ou diminuindo a complexidade das propostas de acordo com as respostas apresentadas pelos alunos. Mais do que um guia de atividades, este documento pretende ser um agente de reflexão acerca das possibilidades da dança na escola. Visto que estas possibilidades são inúmeras, este não se fecha ou se encerra com as sugestões propostas, mas se abre para novas perspectivas e possibilidades. É muito importante que o professor vá além do desenvolvimento do domínio motor. Para o desenvolvimento do domínio cognitivo pode por exemplo, além de tarefas com os conceitos dos elementos básicos da dança, compartilhar informações de anatomia quando trabalha o eixo O meu corpo, ou conceitos históricos ao apresentar a história da dança. Já para o domínio sócio afetivo pode-se optar por jogos de dança que desenvolvam o toque, os apoios no corpo do outro, um aluno guiando o movimento do(s) outro(s), entre tantas outras opções.

Além dos conteúdos próprios desta matéria, a dança também abre possibilidades para diversos trabalhos transdisciplinares, utilizando este conhecimento e exploração corporal como meio para a aquisição de diferentes competências.

É interessante que as atividades tenham uma gradação no quesito da profundidade de exigência, e que o professor tenha em mente que numa turma heterogênea, podemos ter

grupos a realizar a tarefa de forma diferente. Também é importante considerar que, apesar de começar a desenvolver a prática separando as vivências pelos eixos estabelecidos, com o desenvolvimento da turma a tendência será a realização de atividades que desenvolvam dois ou mais elementos simultaneamente, por exemplo, o meu corpo e o meu corpo no espaço. Neste caso, pode-se procurar a consciência de como ou das diferentes possibilidades do corpo explorar o espaço, por exemplo utilizando movimentos fluidos ou quebrados enquanto se realizam diferentes trajetórias (Quadro 8).

Etapa inicial	Etapa intermediária	Etapa final
- Os alunos realizam movimentos fluidos ou quebrados em trajetórias retilíneas ou curvas.	- Os alunos realizam movimentos fluidos ou quebrados enfatizando as possibilidades de alguma articulação determinada, em trajetórias retilíneas e curvas em um dos níveis do espaço.	- Os alunos realizam movimentos fluidos ou quebrados enfatizando as possibilidades de diferentes articulações determinadas, variando as trajetórias e os níveis do espaço.

Quadro 8 – Exemplo de desenvolvimento por etapas de tarefas nos diferentes eixos

É importante ressaltar que a etapa final pode ser diferente para diferentes alunos, ou seja, para alguns podemos solicitar que realizem apenas movimento fluidos ou quebrados, ou que desenvolvam a tarefa em alguma trajetória ou nível do espaço determinado. Nesta adaptação está o grande papel do professor, que é ter a sensibilidade e o conhecimento para perceber os seus diferentes alunos e direcionar as aulas para que todos tenham um crescimento e aquisição de aprendizagens significativas.

Síntese conclusiva:

Considerando que a construção do conhecimento ocorre em duas vias, é muito importante que os alunos tenham espaço para expor suas vivências em dança e que o que eles apresentam seja considerado. O professor deve possibilitar situações em que os alunos façam mais do que imitar passos, explorando, refletindo e compreendendo a multiplicidade de possibilidades que o corpo tem.

A construção de uma mostra de dança, onde todos apresentam, assistem e comentam sobre o que foi apresentado é uma possibilidade e parece-nos mais interessante

do que um concurso, pois a competição já está enraizada em todas as modalidades desportivas e a dança traz essa possibilidade de apreciação sem ter que existir necessariamente um vencedor e um perdedor. Isto traz um novo olhar, com admiração, reconhecimento do trabalho feito e a busca da superação pessoal e não em relação ao outro.

Compreendendo suas inúmeras facetas, espera-se que a dança possa ser utilizada nas suas mais amplas possibilidades, e através da consciência do corpo e que as suas relações contribua para a formação de uma melhor sociedade.

Reflexões Finais

A sensação que temos quando fazemos algo pela primeira vez é muito interessante. Um misto de felicidade, com ansiedade, algumas certezas e várias incertezas... Assim foi este estágio. Estar pela primeira vez diante de uma turma dentro do ensino formal e colocar em prática o que tínhamos estudado foi um desafio, e com muito estudo, erros e acertos, podemos dizer que o crescimento profissional que alcançamos com essa experiência e a cooperação dos orientadores foi realmente significativo.

As reflexões contidas neste relatório mostram o que foi a experiência intensa dentro do ambiente escolar. Desde nossas expectativas iniciais ao final do estágio fomos desafiados a dar o nosso melhor não apenas na dimensão profissional, mas como pessoas que acreditam que a educação é sem dúvida um dos caminhos para melhorar o mundo.

Este ano foi sem dúvida um ano de trabalho árduo, com muitas buscas, reflexões e descobertas. A paixão pelo ensino da educação física e a certeza de sua importância no contexto escolar se tornou ainda mais forte. O trabalho em equipa transcendeu o núcleo de estágio e teve a participação de outros educadores e funcionários da escola que nos acolheu e da faculdade, nos motivando sempre a continuar mesmo quando dificuldades apareceram.

Terminamos esse ano com um enorme sentimento de gratidão e a sensação de dever cumprido, e levamos a certeza de que sempre podemos melhorar. E é este sentimento que nos impede de estagnar e nos incentiva a pesquisar, estudar e contribuir para uma educação física de qualidade.

Bibliografia

- Arends, R. (2005). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.
- autores, C. d. (2009). *Metodologia do Ensino de Educação Física*. Cortez Editora
- Bañuelos, F. S. (1992). *Didáctica de la educación física y el deporte*. Madrid: GYMNOS Editorial.
- Barbosa, A. M. (2014). *A Imagem no Ensino da Arte*. Brasil.São Paulo:Perspectiva
- Batalha, A. P. (2004). *Metodologia do Ensino da Dança*. Lisboa, Portugal: Faculdade de Motricidade Humana.
- Bento, J. O. (2017). *Em nome da Educação Física e do Desporto na escola: legitimação, considerações e orientações pedagógico-didáticas*. Belo Horizonte: Casa da Educação Física.
- Bento, J. O. (1987). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação - Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Claro JR. R., & Filgueiras, I. (2009). *Dificuldades de gestão de aula de professores de Educação Física em início de carreira na escola*. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte. v.8, no2.
- Coutinho, M.C. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.
- Darido, S. C. (2011). *Educação Física na Escola Implicações para a Prática Pedagógica*. Rio de Janeiro, Brasil: Guanabara Koogan LTDA. .
- Darido, S. (2011). *Educação Física na Escola Implicações para a Prática Pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Decreto-Lei no240/2001, de 30 de Agosto 2001, Diário da República, 1a série—N.o 201. Ministério da Educação. Lisboa.
- Decreto-Lei nº139/2012, de 5 junho 2012, Diário da República, 1o série— N.o 129. Ministério da Educação. Lisboa.
- Decreto-Lei nº 17/2016, de 04 de abril 2016, Diário da República, 1o série— N.o 65. Ministério da Educação. Lisboa.
- Decreto-Lei n.o 55/2018, de 6 de julho de 2018, Diário da República, 1a série—N.o 129. Ministério da Educação. Lisboa.

- Demo, P. (2011). *Pesquisa Princípio Científico e Educativo*. São Paulo, Brasil: Cortez Editora.
- Direção Geral da Educação: *Aprendizagens Essenciais*. Disponível em <http://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais>
- Fonseca, V. d. (2016). Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. 365-384.
- Fonseca, V. d. (2010). *Psicomotricidade e Neuropsicologia - uma abordagem evolucionista*. Rio de Janeiro: Wak.
- Gallahue, D., Ozmun, J., & Goodway, J. (2013). *Compreendendo o desenvolvimento motor bebês, crianças, adolescentes e adultos*. Porto Alegre, Brasil: AMGH.
- Garófano, V. V., & Checa, M. A. (1997). *Las Actividades coreográficas en la escuela*. Barcelona: Inde.
- Graça, A., & Mesquita, I. (n.d.). A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos. *Revista Portuguesa de Ciência do Desporto* , pp. 401-421.
<http://www.dge.mec.pt/matriz-curricular-do-3o-ciclo>. (n.d.).
- Laban, R. (1990). *Dança Educativa Moderna*. São Paulo: Ícone Editora Ltda.
- Lamour, H. (1998). *Pédagogie du Rythme*. Paris: Revue.
- Marques, I. (2003). *Dançando na Escola*. Brasil: Cortez Editora.
- Marques, I. (2011). *Ensino da Dança Hoje Textos e Contextos*. Brasil: Cortez Editora.
- Mendes, R., Clemente, F., Rocha, R., & Damásio, A. (2012). *Observação como instrumento no processo de avaliação em Educação Física*. Exedra, n.o 6.
- Miller, J. (2010). *Qual é o corpo que dança?* Campinas, Brasil.
- Moura, M., & Alves, M. J. (2016). O Lugar da Dança no Sistema Educativo Português. *Revista Portuguesa de Educação Artística* , pp. 7-24.
- Moura, M., & Monteiro, E. (2007). *Dança em Contextos Educativos*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Mucia, J. A., Gimeno, E. C., Galindo, C. M., & Villodre, N. A. (2007). Los Comportamientos de Disciplina e Indisciplina en Educación Física. *Revista Iberoamericana de Educación* , pp. 167-190.
- Muñoz, H., Terra, D., Pirollo, A. Introdução à avaliação na Educação Física Escolar. **Revista Pensar a Prática (UFG)**, v1, 1998, p.26–37

- Nobre, P. (2015). Avaliação das Aprendizagens no Ensino Secundário: conceções, práticas e usos. Tese de doutoramento em Ciências do Desporto e Educação Física na especialidade de Ciências da Educação Física. Universidade de Coimbra.
- Nobre, P., Gama, R. (2019). *Modelo de Alinhamento Curricular em Educação Física*. Comunicação apresentada no 8º Fórum Internacional das Ciências da Educação Física, realizado em Coimbra na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, 17 de maio de 2019.
- Pacheco, J. (2010). *Escola da Ponte Formação e transformação da educação*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil: Vozes editora.
- Padovan, M. *Dançar na Escola Perspectivas de aproveitamento didáctico em contexto de sala de aula*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Piéron, M. (1999). *Para una enseñanza eficaz de las actividades físico-desportivas*. Barcelona, España: INDE.
- Programa Nacional de Educação Física do Ensino Básico 2º ciclo, vol 1 e 2 e 3º ciclo (Ministério da Educação).
- Ribeiro-Silva, E.; Fachada, M.; Nobre, P. (2018), *Prática Pedagógica Supervisionada II*, Edição FCDEFUC, Coimbra
- Rosado, A., & Ferreira, V. (n.d.). *Promoção de Ambientes Positivos de Aprendizagem*.
- Siedentop, D. (2008). *Aprender a Enseñar la Educación Física*. Barcelona: Inde.
- Siedentop, D. (1994). *Apprendre à enseigner l'Éducation Physique*. Quebec, Canadá: Gaetan Morin.
- Valentini, N. (2006). Competência e autonomia: desafios para a Educação Escolar. *Revista Brasileira Educação Física Esp., São Paulo, 20*, 185-187.
- Verderi, É. (2009). *Dança na Escola - Uma proposta pedagógica*. São Paulo, Brasil: Phorte Editora.
- Wild, R. (2016). *Etapas del Desarrollo*. Barcelona: Herder.
- Xarez, L. (2012). *Treino em Dança*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Xarez, L., Alves, M. J., Antunes, S., & Cruz, I. (1992). A Dança no 1.º Ciclo do Ensino Básico. *Boletim SPEF (5/6)*, pp. 97-106.
- Yáñez, Á. Q. (1997). *Ritmo y Educación Física*. Madrid: Gymnos.

ANEXOS

Anexo 1 – Ficha Individual do Aluno

Anexo 2 – Rotação de Espaços

Anexo 3 – Modelo de Plano de Aula

Anexo 4 – Exemplo de Grelha de Estilo de Ensino Recíproco

Anexo 5 – Parâmetros de Avaliação

Anexo 6 – Exemplo de Grelha de Avaliação Sumativa

Anexo 7 – Ficha de Autoavaliação

Anexo 8 – Certificado da Oficina de Ideias

Anexo 9 – Certificado do FICEF

Anexo 1 – Ficha Individual do Aluno

Ficha Individual do Aluno

Este inquérito tem como objetivo conhecer melhor cada aluno da turma.

A. IDENTIFICAÇÃO DO ALUNO

1. Nome: _____

2.1. Ano: _____ 2.2. Turma: _____ 2.3. N.º: _____

3. Data de Nascimento: ___/___/_____ 4. Naturalidade: _____

5. Morada: _____

5.1. Código Postal: _____ - _____ 5.2. Localidade: _____

6. Telefone: _____ 7. Telemóvel: _____

B. ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO

1. Quem é o teu E.E.? (assinalar com um X) Pai Mãe Outro
(Preenche o **ponto 2** apenas no caso de a tua resposta anterior ser "Outro")

2.1. Nome: _____

2.2. Grau de parentesco: _____ 2.3. Profissão: _____

3. Morada: _____

3.1. Código Postal: _____ - _____ 3.2. Localidade: _____

4. Telefone: _____ 5. Telemóvel: _____

6. Com que frequência o teu E.E. esteve presente nas reuniões com o Diretor de Turma no ano letivo anterior? (assinala com um X)

Nunca Às vezes Sempre

C. SITUAÇÃO FAMILIAR

1. Identificação dos pais:

	PAI	MÃE
Nome		
Idade		
Profissão		
Habilitações		
Contacto Telefónico		

2.1. N.º de irmãos: _____ 2.2. Idades dos irmãos: _____

3. Com quem vives: _____

4. Como consideras o teu ambiente familiar? (assinala com um X)

Mau Razoável Bom

5. Conversas com as pessoas com quem vives sobre os seguintes assuntos? Indica quais:

Assuntos Escolares Assuntos Pessoais Desporto Amigos

Outros _____

D. VIDA ESCOLAR/INTERESSES PESSOAIS

1. Alguma vez reprovaste? _____ (Sim / Não)

2. Se respondeste sim à questão anterior indica:

2.1. Em que ano(s) reprovaste: _____ 2.2. N.º de vezes: _____

3. O teu local de estudo é: (assinala com um X)

Silencioso Barulhento Estudado a ver TV ou ouvir rádio

4. Quando é que estudas? (assinala com um X)

Nunca No dia anterior ao teste Regularmente Diariamente

5. Quando tens dificuldades, alguém te ajuda a esclarecer as dúvidas? _____ (Sim/Não)

6. Qual é a disciplina que mais gostas? _____

7. Qual é a disciplina que tens mais dificuldades? _____

8. Como te deslocas para a escola? _____ 8.1. Quanto tempo demoras? _____

E. ALIMENTAÇÃO

1. Que refeições fazes diariamente? (assinala com um X)

Pequeno-Almoço Lanche da Manhã Almoço Lanche da Tarde Jantar

2. Onde costumavas almoçar? (assinala com um X)

Em casa Na Cantina No bar Outro lugar

F. SAÚDE E HÁBITOS DE HIGIENE

1. Ouves bem? _____ (sim/não) 2. Vês bem? _____ (sim/não)

3. Sofres de alguma doença? _____ (sim/não) 3.1. Se sim, qual? _____

4. Tens medicação permanente? _____ (sim/não)

5. Costumas tomar banho após fazeres atividade física? _____ (sim/não)

6. A que horas te costumavas deitar em tempo de aulas? _____

7. Quantas horas costumavas dormir por noite? _____

G. PRÁTICA DESPORTIVA

1. Praticas alguma modalidade desportiva? _____ (sim/não)

1.1 Se sim, qual? _____

Obrigado pela tua colaboração!
A Diretora de Turma

Anexo 2 – Rotação de Espaços

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS COIMBRA SUL

ESCOLA BÁSICA 2,3 DR.ª MARIA ALICE GOUVEIA

EDUCAÇÃO FÍSICA 1º Período

1ª e 2ª SEMANA

MANCHA HORÁRIA – 2018/2019

	Segunda-feira 17/09/2017 24/09/2018				Terça-feira 18/09/2017 25/09/2018				Quarta-feira 19/09/2017 26/09/2018				Quinta-feira 20/09/2017 27/09/2018					Sexta-feira 21/09/2017 28/09/2018			
	G1	G2	C1	C2	G1	G2	C1	C2	G1	G2	C1	C2	G1	G2	C1	C2	R2	G1	G2	C1	C2
08.30 - 09.15	9ºE	T			5ºB	8ºD			6ºB	7ºED			5ºB	7ºC				6ºA		6ºD	
09.15 - 10.00	9ºE	T				8ºD			6ºB	7ºB	9ºC		5ºB	7ºC				5ºA	8ºED	6ºD	
10.15 - 11.00	7ºCD	7ºB			6ºA	8ºE	Bad		5ºA	7ºD			9ºF	9ºE	8ºA			6ºE	9ºA		
11.00 - 11.45	7ºC	7ºB		Bad	6ºA	8ºE	7ºAD		5ºA	7ºDD			9ºF	8ºE	8ºA			6ºE	9ºD		
12.00 - 12.45	7ºE	8ºC	9ºA	9ºF	6ºD	7ºA	Bad		5ºD	9ºD			5ºC	8ºB	8ºC			5ºD	9ºC	5ºE	
12.45 - 13.30	7ºE	8ºCD	9ºA		6ºE	7ºA	Bad	7ºE	9ºB	9ºD			5ºC	8ºD	8ºC	7ºA		5ºD	9ºC	6ºB	
13.45 - 14.30																					
14.30 - 15.15													T								
15.30 - 16.15	8ºBD	8ºA	9ºB		5ºC	6ºC	5ºE	8ºB					6ºC	7ºD	T						
16.15 - 17.00	8ºAD		9ºB		BJ	6ºC	5ºE	8ºB					BH	7ºD	Atl						
17.00 - 17.45	T	Bad			BJ	Atl							BH	T	Atl						
17.45 - 18.30		Bad			BJ								BH								

G1 – Pavilhão; G2 – Pavilhão (Sala de Ginástica); C1 – Exterior (Campos de Basquetebol/ Setor de Atletismo); C2 – Exterior (Campos de Futebol/Andebol)

Professor Jorge Oliveira (5ºA, 5ºB, 5ºC, 5ºD/ DE Basquet -BJ)

Professora Mª Filomena Namora (7ºB, 7ºD, 8ºA, 8ºC/ TDança 8ºC)

Professor Henrique Algodres (6ºA, 6ºB, 6ºC/ DE Basquet -BH)

Professor Carlos Galamba (7ºC, 7ºE, 8ºB, 8ºD, 8ºE, 9ºE) ^{Figure 1}

Professor Fernando Freixo (5ºE, 6ºD, 6ºE)

Professora Lurdes Pereira (7ºA, 9ºB, 9ºF/ TDança 7ºE/ DE Ténis - T)

Professor Pedro Iglésias (DE Atletismo – Atl)

Professora Ana Paula Costa (9ºA, 9ºC, 9ºD/ TDança 7ºA, 7ºC, 7ºD, 8ºA, 8ºB/ DE Bad)

Anexo 3 – Modelo de Plano de Aula

Plano Aula			
Professora: Aline Saliha		Data:	Hora:
Ano/Turma: 7ºA	Período:	Local/Espaço:	
Nº da aula:	U.D.:	Nº da aula/UD:	Duração da aula:
Nº de alunos previstos: 23		Nº de alunos dispensados: 1	
Função didática:			
Recursos materiais:			
Objetivos da aula:			

Tempo		Objetivos específicos	Descrição da tarefa/Organização	Componentes Críticas	Critérios de Êxito/Conteúdos	Estilos de Ensino
T	P					
Parte Inicial da Aula						
	5	O aluno equipa-se para a aula.	Os alunos chegam ao balneário e equipam-se para a aula.	Organização dos alunos	Os alunos cumprem a tarefa de forma organizada dentro do tempo estabelecido.	
	3	O aluno coopera na chamada e compreende o objetivo da aula	Conferência das presenças e explicação dos objetivos da aula	Organização e atenção dos alunos	Os alunos compreendem os objetivos da UD	
			Tarefa 1:	Ver no final do documento		

Parte Fundamental da Aula						
	2	O aluno compreende a tarefa	Explicação da tarefa 2		Os alunos compreendem a tarefa 2	
			Tarefa 2:	Ver no final do documento		
			Tarefa 3:	Ver no final do documento		
Parte Final da Aula						
	10	O aluno realiza higiene pessoal	Os alunos vão para o balneário realizar higiene pessoal	Organização dos estudantes	Os alunos cumprem a tarefa de forma organizada dentro do tempo	
Fundamentação/Justificação das opções tomadas (tarefas e sua sequência):						

Reflexão Crítica / Relatório da Aula:
Planeamento da aula:
Instrução:
Gestão:
Clima:
Disciplina:
Decisões de ajustamento:
Aspetos positivos mais salientes:

Anexo 4 – Exemplo de Grelha de Estilo de Ensino Recíproco

ALUNO:

AVALIADOR:

Realizou a corrida de balanço em aceleração?		Realizou a chamada a um pé antes da linha?		Elevou os dois joelhos na fase de vôo?		Realizou a queda com joelhos ao peito, braços e tronco à frente?	
SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO

Anexo 5 – Parâmetros de Avaliação

Aprendizagens Essenciais	Áreas de Competências Específicas da Disciplina	Perfil dos Alunos (ACPA)		%
Conhecimento/Capacidades	Atividades Físicas	ABCDEFGHJ	60%	70%
	Aptidão Física	BCDEFGIJ		
	Conhecimento	BEFG	10%	
Atitudes	Pontualidade	E	5%	30%
	Cumprimento Tarefas Propostas	F	5%	
	Cumprimento Normas de Conduta	J	10%	
	Apresentação Material Necessário		10%	

- Perfil dos Alunos (ACPA):
 - A – Linguagem e textos;
 - B – Informação e comunicação;
 - C – Raciocínio e resolução de problemas;
 - D – Pensamento crítico e criativo;
 - E – Relacionamento interpessoal
 - F – Desenvolvimento pessoal e autonomia;
 - G – Bem-estar, saúde e ambiente;
 - H – Sensibilidade, estética e artística;
 - I – Saber científico, técnico e tecnológico;
 - J – Consciência e domínio do corpo.

Nota: Os “conhecimentos” podem ser avaliados através de questionamento oral, observação direta, mini fichas/testes e trabalhos de pesquisa.

Classificação Final do 1º Período = Média Final do 1º Período

Classificação Final do 2º Período = (Média Final do 1º Período + Média Final do 2º Período) / 2

Classificação Final do 3º Período = (Média Final do 1º Período + Média Final do 2º Período + Média Final do 3º Período) / 3


I

Anexo 6 – Exemplo de Grelha de Avaliação Sumativa



TESTE DE GINÁSTICA DE SOLO

Professor(a) avaliador(a):

Data:

ALUNO		NOTA (1 A 5)

Anexo 7 – Ficha de Autoavaliação

	Ficha de Autoavaliação Educação Física	 REPÚBLICA PORTUGUESA	EDUCAÇÃO
Nome: _____ N.º _____ Ano/Turma _____			

Conhecimentos/Capacidades (70%)																	
MATÉRIAS	Períodos	Mt Fraco			Insuf			Suf			Bom			Mt Bom			
		1.º	2.º	3.º	1.º	2.º	3.º	1.º	2.º	3.º	1.º	2.º	3.º	1.º	2.º	3.º	
Basquetebol																	
Andebol																	
Futebol																	
Voleibol																	
Ginástica de solo																	
Ginástica de aparelhos																	
Ginástica acrobática																	
Dança																	
Atletismo																	
Corrida de velocidade																	
Corrida de resistência																	
Corrida de barreiras																	
Corrida de estafetas																	
Lançamentos																	
Salto em altura																	
Salto em comprimento																	
Badminton																	
Ténis de campo																	
Outras: _____																	

Atitudes e Valores (30%)															
Períodos	Mt Fraco			Insuf			Suf			Bom			Mt Bom		
	1.º	2.º	3.º	1.º	2.º	3.º	1.º	2.º	3.º	1.º	2.º	3.º	1.º	2.º	3.º
Pontualidade (5%)															
Cumprimento das tarefas propostas (10%)															
Cumprimento das normas de conduta (10%)															
Apresentação do material necessário (5%)															

1.º Período:	
Nível:	
2.º Período:	
Nível:	
3.º Período:	
Nível:	

Anexo 8 – Certificado da Oficina de Ideias




CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO

VIII Oficina de Ideias em Educação Física

Certifica-se que ALINE SALIHA ALENCAR OLIVEIRA esteve presente neste evento, realizado pelo Núcleo de Estágio Pedagógico em Educação Física da Escola Secundária Avellar de Brotero, no âmbito da unidade curricular de Estágio Pedagógico, do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, sob o tema “*A Progressão do Ensino em Educação Física – Uma espiral ascendente dos conteúdos*”.

O Diretor da FCEDEF-UC

(Prof. Doutor António Figueiredo)

O Diretor da ESAB

(Eng.º Manuel Esteves da Fonseca)

Coimbra, 03 de abril de 2019



Anexo 9 – Certificado do FICEF



